



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

MARISA BISPO DOS SANTOS

**MÃE DE PET:
O NARCISISMO NO LIVRO “A CACHORRA” DE PILAR QUINTANA**

Brasília
2025

MARISA BISPO DOS SANTOS

**MÃE DE PET:
O NARCISISMO NO LIVRO “A CACHORRA” DE PILAR QUINTANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (CEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Macedo Alves

Brasília
2025

MARISA BISPO DOS SANTOS

**MÃE DE PET:
O NARCISISMO NO LIVRO A “CACHORRA” DE PILAR QUINTANA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (CEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu...*

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Macedo Alves

Brasília, ____ de _____ de 20XX.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Nome completo

Prof. Dr. Nome completo

**Dedico esta monografia à minha mãe, Maria
Gonçalves dos Santos, *in memoriam*.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com profundo reconhecimento, ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Macedo Alves, pela escuta atenta, pela generosidade intelectual e pelas contribuições rigorosas, que orientaram este trabalho com precisão e clareza.

Ao UniCEUB, expresso minha gratidão pelo espaço de formação que me possibilitou aprofundar questões fundamentais da psicanálise e sustentar o desejo de pesquisa.

Agradeço a todos os professores do curso de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica pela notável capacidade acadêmica e intelectual, que enriqueceram profundamente meu percurso de formação e reflexão, em especial, à Prof.^a Erika Reimann e ao Prof. Gilson Ciarallo, cujas aulas e intervenções deixaram marcas importantes na construção deste trabalho.

Ao coordenador da Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Prof. Marcos Abel, meu agradecimento pela condução dedicada e incentivo constante.

Aos colegas da Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, com quem compartilhei inquietações e reflexões que enriqueceram esse percurso, deixo minha gratidão.

Aos funcionários da secretaria de pós-graduação, pela presteza e acolhimento em todas as etapas.

Aos sorridentes e maravilhosos funcionários da portaria do UniCEUB — verdadeiros personagens fantásticos da rotina acadêmica —, meu muito obrigada pela gentileza cotidiana.

Agradeço à minha família: Mário, Martha, Marcos, Natália, Cecília, Clarice e Lara, pelo amor, apoio e presença constante, que foram fundamentais para a realização deste trabalho.

À minha cunhada Fabrícia, pelas conversas generosas e pelas partilhas que, de modo sutil, contribuíram para este trabalho. Seus aportes e insights oriundos da psicologia dialogam harmoniosamente com a psicanálise, enriquecendo meu pensamento reflexivo e permitindo a construção de pontes entre essas duas áreas.

A Alder, companheiro de todas as horas, um sensível estudioso da alma humana. Agradeço pela presença constante, pela escuta e pelo afeto que sustentaram minha travessia intelectual e emocional ao longo deste processo.

Às minhas queridas amigas e companheiras de jornada na pós-graduação — Ivonei, Marleide e Malu, o nosso quarteto psicanalítico —, meu profundo carinho e gratidão pelas trocas intensas, pelos risos e choros partilhados, pelos momentos de escuta nos dias difíceis e pela presença constante que tornou esse percurso mais leve, mais rico e mais potente.

Às amigas Sirlene e Kátia, que compartilham comigo o estudo psicanalítico, deixo meu reconhecimento por tantas partilhas fecundas.

A Juscelino, grande intelectual e generoso colaborador, agradeço pela valiosa contribuição com a tradução do sumário desta monografia.

Às amigas do Clube do Livro, com as quais compartilhei reflexões e afetos importantes ao longo deste processo, meu sincero agradecimento. Em especial, Alessandra, Enne, Luciana, Manuela e Fúlvia, com as quais tive a oportunidade de dividir parte das inquietações que também atravessam as páginas desta monografia.

Aos amigos do grupo Literatura e Outras Artes, dos quais a palavra e a sensibilidade se tornaram caminhos de encontro e elaboração, deixo meu profundo agradecimento. Em especial, destaco Socorro, Dani, Carmem, Rose, Marleide, Malu, Ivonei e Vilma, que compartilharam de parte das discussões que fundamentaram a elaboração desta monografia.

Por fim, com todo o meu amor, agradeço à minha mãe, in memoriam, uma mãe no sentido mais profundo da palavra: presença, força, afeto e raiz. Ela mimetizou seu ser mãe também com os animais, acolhendo-os com o mesmo cuidado e entrega com que exercia a maternidade humana. Foi a partir desse gesto amoroso e desvairado que brotaram em mim as indagações que atravessam este trabalho: questões sobre o amor, o narcisismo e os limites entre o humano e o animal. Obrigada, mamãe, sua memória me acompanha e me sustenta, sendo para mim uma fonte inesgotável de ternura e coragem.

**Deve renunciar à prática da psicanálise todo o
analista que não conseguir alcançar em seu
horizonte a subjetividade de sua época.
(Jacques Lacan)**

RESUMO

O presente estudo examina a crescente humanização dos animais domésticos com ênfase nas dinâmicas narcísicas que permeiam as relações entre as chamadas “mães de *pet*” e seus animais de estimação. A partir da ótica teórico-clínica da psicanálise, investiga-se de que modo esses laços podem, em certa medida, potencializar descompensações narcísicas e dar origem a formas patológicas de amor. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica da literatura psicanalítica, articulada à análise de uma obra literária como suporte empírico à reflexão teórica. Para isso, toma-se como *corpus* o romance *A Cachorra*, da escritora Pilar Quintana. A análise fundamenta-se na teoria do narcisismo de Sigmund Freud e nos conceitos do esquema ótico e do estágio do espelho desenvolvidos por Jacques Lacan, bem como nas contribuições de psicanalistas contemporâneos, como Christian Dunker e Renato Mezan em interlocução com pesquisas antropológicas e etnográficas que abordam os vínculos afetivos entre humanos e animais, visando ampliar a compreensão das implicações psicossociais dessas relações. Os resultados apontam que o fenômeno “mãe de pet” constitui uma manifestação psíquica e cultural que reconfigura os modelos tradicionais de família e maternidade, ao atribuir aos animais domésticos o papel de protagonistas afetivos. Tais vínculos intensos e complexos revelam processos de idealização e identificação, em que o amor pelo *pet* frequentemente envolve a recusa da alteridade do animal, reduzido à condição de espelho narcísico do eu. Quanto mais antropomorfizado, mais o animal é esvaziado de sua condição de outro radical para se tornar um sintoma, um modo de tamponar a castração e sustentar a ilusão de completude, ainda que ao preço de possíveis adoecimentos psíquicos. Nesse contexto, o animal de estimação passa a ocupar o lugar de objeto precioso de consumo, funcionando como antídoto ao mal-estar civilizatório e à falência dos vínculos humanos, sendo instrumentalizado para evitar a complexidade das interações humanas.

Palavras-chave: mãe de pet, narcisismo, psicanálise, humanização dos animais, amor patológico

ABSTRACT

This study examines the increasing humanization of domestic animals, focusing on the narcissistic dynamics that permeate the relationships between the so-called “pet mothers” and their pets. From a theoretical-clinical psychoanalytic perspective, it investigates how these bonds can, to some extent, amplify narcissistic decompensations and give rise to pathological forms of love. The methodology is based on a theoretical framework of psychoanalytic literature, articulated with the analysis of a literary work as empirical support for theoretical reflection. The novel *A Cachorra (The Bitch)* by Pilar Quintana serves as the corpus for this analysis. The theoretical framework draws on Sigmund Freud’s theory of narcissism and Jacques Lacan’s concepts of the optical schema and the mirror stage, as well as contributions from contemporary psychoanalysts such as Christian Dunker and Renato Mezan, in dialogue with anthropological and ethnographic research on human-animal affective bonds. The findings suggest that the “pet mother” phenomenon constitutes a psychic and cultural manifestation that reconfigures traditional family and motherhood models by assigning domestic animals the role of affective protagonists. These intense and complex bonds reveal processes of idealization and identification, where love for the pet often involves the denial of the animal’s alterity, reducing it to a narcissistic mirror of the ego. The more anthropomorphized the animal becomes, the more it is emptied of its radical alterity to serve as a symptom—a means of shielding against castration and sustaining the illusion of completeness—albeit at the cost of potential psychic pathologies. In this context, the pet occupies the position of a precious gadget, functioning as an antidote to civilizational malaise and the failures of human bonds, being instrumentalized to avoid the complexity of human interactions.

Keywords: pet mothers, narcissism, psychoanalysis, humanization of animals, pathological forms of love

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ARRANJOS MULTIESPÉCIES E MÃES DE PET	16
1.1 Família multiespécie	19
1.2 A mulher nos arranjos multiespécies:mãe de pet	21
1.3 Fatores que motivam mulheres a serem mães de pet	23
1.4 Mãe de pet e narcisismo	26
2 O ESPELHO ANIMAL:mãe de pet e dinâmicas narcísicas	30
2.1 A especularidade em Freud e Lacan	31
2.2 A dinâmica narcísica	32
2.2.1 Narcisismo primário e eu ideal	33
2.2.2 Narcisismo secundário e ideal do eu	35
2.2.3 O fenômeno do duplo	39
2.3 Mãe de pet e adoecimentos narcísicos	42
3 MÃE DE PET: narcisismo, maternidade impossível e amor patológico em “A cachorra”, de Pilar Quintana	44
3.1 Sua majestade Chirli	45
3.2 Damaris, mãe de <i>pet</i>	47
3.3 Narcisismo:agressividade e ódio	50
3.4 O duplo mortífero	52
3.5 O estranho ficcional: o duplo e o estranho em “A cachorra” de Pilar Quintana	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	70

INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda o fenômeno da humanização dos animais domésticos, com ênfase nas dinâmicas narcísicas que orientam as condutas de mulheres que se identificam como mães de *pet* em relação aos seus chamados “filhos de quatro patas”. A pesquisa tem como objetivo compreender como o fortalecimento desse vínculo reverbera na psique de algumas delas ao ponto de ancorar patológicas formas de amar o seu animal. Nesse sentido, propõe-se, à luz dos fundamentos teórico-clínicos da psicanálise, examinar manifestações de descompensações narcísicas a partir da análise da relação entre a personagem Damaris e sua filha *pet*, retratada no romance “A cachorra”, da escritora colombiana Pilar Quintana.

Na obra literária, Damaris aos quarenta anos, depois de malogradas tentativas de engravidar, resolve adotar uma cachorrinha recém-nascida que sequer abriu os olhos, a quem dá o nome de Chirli, o mesmo da filha que sonhara ter, a qual se dedica intensamente, tratando-a como o bebê desejado. Fora da ficção, tal qual a protagonista da obra literária, muitos vêm buscando na relação com seus *pets* um vínculo filial de modo que os bichos, antes de estimação e utilidade, passam a filhos substitutos. Assim, para além do clássico modelo de companheiros fiéis que faziam parte da família tradicional, esses animais vão se tornar na contemporaneidade protagonistas de novos paradigmas familiares.

Esse fenômeno denominado *pet parenting* ou arranjo familiar multiespécie aponta para sujeitos que optam por ter animais domésticos em vez de filhos com os quais estabelecem um elo de amor e cuidados no mesmo molde do que se faz com uma criança. Os pais *pets* querem que seus bichinhos sejam vistos com esse viés humano e o mercado e a cultura prontamente atendem esses desejos. Assim, os *pets* demandam serviços de alimentação e vestuário, passam por rituais, como batismos, festas de aniversário etc. Ao ocuparem o lugar de uma criança, eles movimentam também a dinâmica familiar e prática da parentalidade *pet*, o que envolve, além dos cuidados básicos, empenhos emocionais e financeiros.

Segata (2012) defende a tese de que essa humanização dos animais não consiste simplesmente na equivalência de elementos culturais, tais como os nomes humanos, as roupas, os cuidados, a coabitação entre pessoas, mas existe também uma outra faceta ligada ao domínio da natureza, a qual ele define como alguns instintos que precisam ser modulados ou uma biologia equivalente, visto que os humanos também são animais.

Segundo o pesquisador, ainda que o ser humano tenha controlado muitos dos seus instintos mais primitivos e animais, “a humanidade continua a ser a meta, a humanidade aparece, de um modo amplo, figurando como uma espécie de ideal a ser alcançado, tanto por nós como por esses “outros humanos” - os animais de estimação.” (Segata, 2012, p. 24). O que diferenciaria afinal o ser humano dos outros é que ele largou na frente. Assim, na perspectiva do teórico, conferimos a esses outros humanos (os animais) aquilo que ainda perseguimos como objetivo, qual seja, a humanidade.

Para Gaedtke (2017), a humanização dos animais é ligada, de um lado, à configuração social de afeto que submete os humanos, em relação aos seus animais, a um modelo a ser seguido sobre cuidados e consumos oriundos do mercado *pet* e, por outro lado, à vigilância biopolítica que, em convergência com a publicidade, habita os discursos de responsabilização ligados a uma série de produtos e serviços. Os tutores de *pets* são continuamente alvos de campanhas que, em geral, relembram suas responsabilidades e associam afeto, cuidado e consumo. No centro disso tudo, aos animais antropomorfizados resta, segundo a pesquisadora, uma vida cada vez mais vigiada, controlada e civilizada.

Gaedtke sublinha, ainda, que uma outra questão importante para compreender a humanização dos animais é a centralidade que a mulher ocupa nos arranjos multiespécies na perspectiva de que se os animais são filhos, as mulheres são mães. As pesquisas da autora apontam para o fato de que a vinculação com a ideia de instinto, que é tanto animal quanto materno, é muito presente quando as mulheres se referem ao modo como escolhem os seus animais. O discurso da maternidade, presente na relação entre mulheres e seus *pets*, aparece vinculado às noções de amor incondicional, afeto, cuidado e responsabilidades, enquanto os homens os veem como fiéis companheiros.

Nesse viés, segundo Gaedtke, a relação entre algumas mulheres e seus *pets*, calcada no instinto materno ou na propensão à conexão e ao cuidado, é similar a do humano. Tal assertiva confirma o modelo ainda vigente de que a identidade da mulher está atrelada à maternidade na qual sua realização plena só pode vir do ato de ser mãe. Dessa forma, a maternidade de *pet* pode operar, para algumas mulheres, como uma via possível de conformação a esse ideal. É o que se evidencia na trajetória de Damaris, protagonista do romance “A cachorra”, de Pilar Quintana, ao adotar uma cadela como filha, em uma tentativa de alcançar reconhecimento simbólico enquanto mãe e, por extensão, enquanto mulher realizada.

Com base na psicanálise, Dunker (2016) focaliza a relação amorosa entre humanos e animais ao tratar fenômenos patológicos do amor pelo animal, em que há compulsão por acolhimento. Trata-se de mulheres (mãe gateiras) que recolhem sob seus cuidados um número demasiado de gatos ou cachorros, não conseguindo impedir-se de adotar cada vez mais bichos. Dunker assinala o caráter mais feminino da patologia e sublinha gateiras, apenas porque segundo o psicanalista hoje elas são mais recorrentes em nossa cultura do que os pais gateiros. Sua hipótese para a compulsão dessas mulheres é de que “os bichos evocam nelas um tipo de amor de estrutura metonímica e um narcisismo particularmente sensível que retomam temas relativos ao desamparo e ao abandono”. (Dunker, 2016, p.163)

Dunker explica que os animais retribuem o nosso amor de uma forma linear, nos oferecendo sua presença e solicitude sem oscilações ou conflitos na qualidade afetiva. Além disso, proporcionam suporte simbólico para experiências de reconhecimento metafóricos e metonímicos, centrais na formação e na reconstrução da capacidade de amar. “Os animais domésticos são “como nós”, vivem em nossa casa, são parte de nossa família, deles nos ocupamos. No entanto eles não são nós, eles são uma metáfora de nós”. (Dunker, 2017, p. 93)

Por outro lado, segundo o psicanalista, os mesmos animais podem ancorar os mais patológicos modos de amar, como visto em acumuladores de animais, naqueles que submetem o animal a moldes muito humanos e no limite estupradores crônicos de animais. “O que está em jogo nisso é a linha tênue “entre ser como um filho, amigo ou amante e ser o próprio bebê, companheiro e objeto da satisfação erótica. Nossa gramática amorosa depende essencialmente desse “como se”. (Dunker, 2017, p. 93)

No livro “A cachorra, Damaris desconhece a metáfora do “como se” e norteia sua relação com seu *pet* para aspectos cada vez mais patológicos. No início, a maternagem surpreendente é idealizada, aplacando seu vazio, suas ansiedades e carências, todavia, com o tempo, acaba por trazer à baila negatividades, tensões, inquietações e sofrimentos do passado traumático da protagonista de maneira que ambiguidades passam a marcar a dinâmica da relação. Assim, a cachorra de tábua de salvação, de resposta aos anseios maternos, passa a ancorar pulsões destrutivas.

A cachorra serve de abrigo de investimentos narcísicos de Damaris, torna-se uma extensão dela mesma. A relação com o animal assume, portanto, um caráter de espelhamento. Segundo Dunker (2017), esse processo gira em torno da captura do animal no nosso narcisismo,

uma projeção dirigida a ele, como uma espécie de espelho por intermédio do qual podemos nos expressar. O vínculo com o animal é em parte narcísico, uma extensão nossa, normal de amor, mas se começa a inflar, restringe outras formas de amar, mais metafórica em que percebemos que somos parecidos com nossos animais, mas diferentes. Para Dunker (2016, p. 175), “O perigo do amor animal é deixar de reconhecer o animal como um animal”.

Dessa forma, considerando esses recortes que delineiam a problemática central da pesquisa a saber, como se produzem manifestações de adoecimento narcísico no contexto da maternagem humana direcionada aos animais de estimação, propõe-se o desenvolvimento de uma investigação que, amparada nos construtos teórico-clínicos da psicanálise, examine os aspectos patológicos do amor ao animal. Para tanto, será utilizada como material de análise a narrativa ficcional apresentada na obra “A cachorra”, de Pilar Quintana. A pesquisa tem por objetivo elaborar uma descrição clínica e conceitual do fenômeno, que permita sugerir, quando pertinente, variáveis relevantes à compreensão do tema a partir do olhar da psicanálise.

Desde as suas origens, a psicanálise se valeu dos seus construtos teórico-clínicos para interpretar o cultural de modo que esse campo do saber aparece como fértil para discutir fenômenos cada vez mais inusitados da dinâmica do mundo pós-moderno, como o surgimento das famílias multiespécies e, por extensão, a maternagem humana de *pets*, tema desse estudo. Como pode-se constatar, algumas discussões sobre o assunto e suas reverberações já circulam nos meios acadêmicos, inclusive na psicanálise, porém, necessita-se investigar mais a natureza psíquica dessa interação mãe /animal para entender melhor seus efeitos na cultura. Assim, o objetivo é trazer mais dimensões do fenômeno a partir do aparato da psicanálise.

Essa ação sistemática se justifica, também, porque a maternidade humana de *pet* já se reverbera no mundo social em interpelações sobre o que é ser mãe de “filhos de quatro patas”. Questões relacionadas ao vínculo emocional com os animais e as responsabilidades e desafios de assumir um filho *pet* surgem frequentemente nas estâncias midiáticas. Portanto, trata-se de algo que é da ordem do debate contemporâneo, um fenômeno cultural, que não deve ser ignorado, ao contrário, cabe compreendê-lo para entender a sua dinâmica, partindo para uma etapa de melhor compreensão.

Vem a calhar aqui também uma justificativa pessoal para a escolha do tema. Assim, o ponto de partida desta monografia surgiu da leitura do livro “A cachorra” de Pilar Quintana, de relatos que vieram ao meu ouvido de mulheres que abdicaram de projetos pessoais em favor

dos seus *pets* e, sobretudo, pela experiência de ver os cães da minha mãe saírem do quintal e tornarem seus filhos. Tais fatos apontam que algo estava mudando nas relações entre animais e seus tutores, em particular, entre as mulheres. Então, me dei conta que há uma reconfiguração em curso de modelos de família, em que os bichos de estimação são protagonistas. As reflexões frente a estes novos paradigmas de se relacionar com os animais, principalmente, por parte dos sujeitos femininos, instigaram-me às investigações dessa pesquisa.

Tendo em vista à problemática proposta na monografia, neste estudo, adota-se, como estratégia metodológica, a revisão bibliográfica. Dessa forma, na elaboração do trabalho de pesquisa, será realizada uma revisão da literatura sobre o tema proposto à luz das contribuições de Sigmund Freud e Jacques Lacan e também de psicanalistas modernos, como Christian Dunker e Renato Mezan em diálogo com teóricos que estudam as relações de afetividade entre os humanos e animais de estimação cujas teorias, no domínio da etnografia e antropologia, podem ter reverberações sobre a proposição investigada.

Destaca-se que Freud e Lacan, além de oferecer construtos importantes para responder ao problema teórico, também possibilitam encetar um percurso de análise do texto literário que se constitui como material empírico do estudo monográfico em questão. Ambos, leitores atentos, marcaram de forma indelével o encontro entre psicanálise e literatura. O criador da psicanálise, bem como o psicanalista francês desenvolveram muitos trabalhos que tomam obras literárias como ponto de partida para reflexões teórico-clínicas. Freud (1907-1979) considerava que a criatividade dos escritores eram valiosas para compreensão da mente já que bebiam em fontes ainda não acessíveis à ciência.

O estudo monográfico está estruturado em três capítulos. No primeiro, será feito um panorama da constituição da família multiespécie sustentada em algumas pesquisas objetivando estabelecer o lugar social e psíquico da mãe (mãe *de pet*) no interior desses arranjos. No segundo capítulo, serão apresentados os referenciais teóricos referentes à conceituação da função especular dentro do escopo teórico/clínico da psicanálise a partir das concepções de narcisismo em Freud e da teoria do estágio do espelho e do esquema ótico de Lacan. O terceiro capítulo corresponde ao trabalho analítico e interpretativo do livro que envolve a descrição do fenômeno narcísico na relação mãe humana/ animal na obra ficcional a partir das discussões teóricas desenvolvidas nos capítulos anteriores.

1. ARRANJOS MULTIESPÉCIES E MÃES DE *PET*

Nas obras “ Mal- estar na civilização” (1930) e “Análise do eu e Psicologia das massas” (1921), Freud aborda como as formas de subjetivação humana são ancoradas nas articulações do campo da cultura com a história individual. Nesses livros, focaliza as relações de tensão entre os sujeitos e as exigências culturais procurando expressar a cultura como um todo que dirige e regula o discurso dos sujeitos que a habitam e lhe outorgam posições nos planos de significados por ela demarcada. Na perspectiva de Freud, a psicanálise ajuda a problematizá-la, a prescrutá-la de modo a entender o que subjaz ao significados que ela instaura.

A partir dessa concepção freudiana de cultura como instância organizadora da subjetividade, é possível considerar que as mudanças observadas na contemporaneidade, sobretudo, aquelas ligadas à constituição de novos modos de existência, implicam transformações profundas nas referências simbólicas que estruturam o laço social. Nesse sentido, observa-se o surgimento de novas demarcações culturais sustentadas por alterações nos paradigmas tradicionais, oriundas de uma nova ordem social que culmina em distintas expressões subjetivas.

Essa reorganização encontra ressonância na noção de “modernidade líquida”, proposta por Zygmunt Bauman (2001), segundo a qual o mundo contemporâneo se esvaziou de referenciais fixos e narrativas estáveis, outrora responsáveis por nortear os sujeitos. A pós-modernidade, ao promover a fluidez das fronteiras e a dissolução de certezas, instaurou um cenário em que valores são constantemente erigidos e descartados. Nesse contexto, a autonomia e a liberdade passam a figurar como imperativos subjetivos, ao passo que antigos modelos ordenadores perdem sua eficácia simbólica.

O campo da psicanálise costuma relacionar essa liquidez baumaniana da contemporaneidade ao processo de esvaziamento da figura paterna como instância interditora. A queda do Nome-do-Pai anunciada por Lacan (1936) no escrito "Os complexos familiares na formação do indivíduo", apontava certas modificações no laço social engendradas pelo progresso social e a ciência cuja consequência é o declínio social da imago paterna. O fato é que a dissolução vertiginosa da verticalidade que sustentava o nome do pai e que instituía o simbólico como organizador produziu um estremecimento nas subjetividades. Nessa perspectiva, os antigos códigos de regulação vertical não funcionam mais tão bem e o sujeito

não sabe como se orientar. Forbes (2004) afirma que o homem contemporâneo está “desbussolado” face à variedade dos modos de gozo oferecidos.

O impacto dessas mudanças produz novas configurações nas formas de se relacionar e de formar famílias. O modelo de família patriarcal que representava a lei e a moral está em franca decadência nas sociedades ocidentais. Surgem, então, novas estruturas e laços parentais, tais como: família monoparental, homoparental, reconstituídas. Roudinesco (2003), ao analisar os arranjos familiares da pós-modernidade, no início deste milênio, observa que, ao contrário do que se pensou, a família não se dissolveu com a derrocada da imago paterna, mas se reorganizou de forma horizontal em diferentes formatos.

Segundo Roudinesco, para aqueles que temem mais uma vez sua destruição ou sua dissolução, objeta-se, em contrapartida, que a família contemporânea, horizontal e em "redes", vem se comportando bem garantindo corretamente a reprodução das gerações. Para a historiadora e psicanalista francesa, ela é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições. As transformações da família, em consequência das mudanças tecnológicas econômicas, não a tornaram caótica, ela continua orgânica, conclui Roudinesco.

De acordo com a autora, o princípio da autoridade sobre o qual a família sempre se baseou está em crise. Por um lado, opõe-se a um mundo que elimina as fronteiras e condena o ser humano à horizontalidade de um capitalismo cada vez mais corrosivo e por outro incita incessantemente o restauro de “Deus pai”, sob a forma de uma tirania. Confrontada a isso, a família aparece como a única instância, para o sujeito, capaz de assumir esse conflito e favorecer o surgimento de uma nova ordem simbólica desde que saiba manter, como princípio fundador, o equilíbrio entre o um e o múltiplo de que todo sujeito precisa para construir sua identidade (Roudinesco 2003, p. 92)

Se, por um lado, a família se reconfigura em moldes horizontais e adaptativos, por outro, essa reinvenção abre espaço para arranjos inesperados, como aqueles que integram animais domésticos à estrutura familiar. Roudinesco, embora não mencione explicitamente a figura das chamadas “famílias híbridas”, afirma que a família do futuro precisa ser reinventada, o que autoriza pensar em modelos ampliados que extrapolam a lógica tradicional da parentalidade entre humanos. Nesse contexto, os arranjos multiespécies podem ser compreendidos como um

fenômeno inusitado, que representa não apenas uma ruptura de referenciais, mas também uma ampliação dos contornos do que se entende por laço familiar.

Moraes e Perrota (2023), a partir das ideias do antropólogo Bruno Latour (1994), considera que os fenômenos interespecíficos, como as famílias multiespécies e mães de *pet* abalam o projeto da modernidade que se fundava na separação entre os polos da natureza de um lado e da cultura de outro em um processo de purificação efetuado pelas sociedades modernas, no entanto, o aparecimento de híbridos coloca essa dicotomia em xeque desafiando as premissas do pensamento ocidental moderno, as quais definiam categorias, propriedades e relações de humanos e não humanos.

Nessa toada, Neves (2014) refere-se, na contemporaneidade, aos corpos em trânsito que fazem fluidas as fronteiras que separam o humano do animal aproximando-se assim de um imaginário mítico a partir do desdobramento de si em uma forma animal, o qual foi alijado dele em função do rechaçamento da consciência mítica em proveito de uma ordem racional e binária. Dessa forma, foram estabelecidas inúmeras dualidades, entre as quais, aquela em que o humano se opunha ao animal rejeitando qualquer valor primitivo. Assim, conclui a autora, no projeto da modernidade, norteador pela razão, essa perspectiva animalesca identificada como constituição humana passou a ser entendida como negativa. No entanto, essas imagens animais reaparecem hoje como possibilidade de desdobramento do eu, remetendo a um vínculo ancestral que ressurgem em novos moldes, como é o caso das relações entre humanos e seus *pets*.

Em contraponto às fluidas fronteiras que separam humano e animal, Digard (1999) considera que o mundo contemporâneo passou de forma imperceptível a uma crescente incapacidade de pensar e de assegurar a diferença entre animalidade e humanidade. Considera que se deve refletir sobre a fronteira incerta entre o selvagem e o doméstico, sobretudo, sobre excessos e desmandos do ativismo animal o qual se constitui como um anti-humanismo, tendendo a um novo obscurantismo ao se utilizar do apagamento das fronteiras entre humanidade e animalidade, da desordem de identidades, da confusão de ideias e sentimentos contidos em embrião na paixão animal. Há a necessidade urgente de encontrar o equilíbrio certo entre posições muitas vezes extremas, o que envolve, notadamente respeitar as diferenças reais, o que significa “valorizar os homens porque são homens e os animais porque são animais” (Digard, 1999, p. 225, tradução nossa)

1.1 Família multiespécie

Gaedtke (2017), nos seus estudos, indica que o uso do termo multiespécie para designar uma família tem base analítica, e não necessariamente nativa. O sentimento de que o animal é, de fato, parte da família, no entanto, está presente o tempo todo nas informações do campo e na literatura já estabelecida, diz a pesquisadora. Alguns balizadores sustentados na equivalência cultural ajudam nessa designação, dessa forma, os bichos recebem nomes próprios e equivalentes a nomes que se dariam aos filhos humanos, como também podem ser registrados em cartório com o sobrenome da família, usar indumentárias humanas, receber cuidados semelhantes aos de uma criança, participar de atividades de lazer, dentre outros.

Deve-se salientar que a simples existência do animal, na residência familiar, não significa haver uma família multiespécie, assim, precisa haver equivalências culturais, mas não somente isso. Para Segata (2012), o controle dos instintos animais com o objetivo de humanizá-los é importante para que vínculo familiar filial subsista. Nessa perspectiva, há de se destacar que o prevalente da família multiespécie, segundo o estudioso, é o novo endereçamento humano aos animais caracterizado por um excesso de humanização em uma tentativa de ruptura da fronteira do animal e, por conseguinte, uma negação da animalidade.

A cerca das fronteiras entre animal e humano, Lacan (1953-54/1986) sublinha que o comportamento animal é um comportamento orientado para o instinto e, portanto, orientado pela relação de imagem de cooptação e de identificação. O animal tomado pelo instinto e pelo campo do imaginário faz a cópula perfeita porque não tem simbólico. O homem, ao contrário, tem o seu imaginário marcado atravessado e desordenado pelo simbólico, portanto, o elo com o sexual com o instintivo está sempre desnaturalizada, o que impede que se possa um dia reencontrar isso que Lacan chama de relação sexual. “No homem, nós o sabemos, as manifestações da função sexual se caracterizam por uma desordem eminente. Não há nada que se adapte.” (Lacan, 1953-54/1986, p. 163)

O processo de não reconhecimento do animal como da ordem do imaginário e a tentativa de aplicar categorias do simbólico a eles, mediante nossas categorias narcísicas, é frequente nos arranjos multiespécies. Para Dunker (2017), é bem verdade que os animais domésticos podem ser suporte simbólico para experiências de reconhecimento metafóricas e metonímicas importantes para nossa capacidade de amar, mas não são nós, são como nós, ou

seja, trata-se de uma metáfora, assim, não se poderia, *a priori*, a eles aplicar as leis do mundo simbólico. Todavia, parece não ser dessa forma que a Justiça entende.

Assim, para finalizar, também o processo de jurisdição responde a essa nova forma de endereçamento do humano ao animal e busca dar contorno ao modo como ele pode se inserir no seio familiar. No site do Jusbrasil, Rodrigues (2023) considera que a Família não é estática, está em plena evolução, dessa forma, a família multiespécie surge como resposta a uma nova forma de tratar os animais que passam de animais de companhia, de um lugar secundário para um membro efetivo da família. Assim, se um animal vive junto com uma família de humanos e entre eles há um vínculo afetivo tal que este seja considerado membro daquele núcleo, este será, por conseguinte, sujeito de direitos dentro desta relação.

Dessa forma, Rodrigues menciona três projetos de lei em trâmite no Brasil que visam tanto o aumento da proteção e dos direitos animais, quanto à alteração da sua natureza jurídica tornando-os seres de direito. O Projeto de Lei nº. 27/2018 prevê a criação de um regime jurídico especial para os animais. No Senado Federal, o Projeto de Lei nº. 542/2018 propõe estabelecer a custódia compartilhada do animal de estimação quando não houver acordo na dissolução do casamento ou da união estável. Na Câmara, o Projeto de Lei nº. 145/2021 visa alterar o Código de Processo Civil, para permitir que os animais não-humanos possam ser parte nos processos judiciais, representados pelo Ministério Público, pela Defensoria Pública, por associações de proteção dos animais ou por quem detenha sua tutela.

Rodrigues esclarece que no Brasil os animais são tratados como parte do meio-ambiente, então, sua defesa só pode ocorrer de forma coletiva. Um dos argumentos trazidos pelos defensores do projeto de lei é a própria existência da família multiespécie, além da influência de debates e alterações legislativas que ocorrem em diversos outros países. A nova perspectiva de lei consagra a identidade individual aos animais de estimação, sendo eles tomados seres sencientes e integrantes ativos do núcleo familiar de forma a necessitar de leis protetivas que garantam seus direitos e os da família.

1.2 A mulher no seio dos arranjos multiespécies :mãe de *pet*

Estudos e pesquisas têm mostrado que cuidar de animais é uma atividade prioritariamente feminina.¹ Para Moraes e Perrota (2023), tal fato remonta a formação da família burguesa. Desse modo, a junção de conceitos, tais como família, casa, cuidado e afeto, construídos historicamente forjou um padrão de família. A partir da análise de Philippe Ariés (1981) em “A história social da criança e da família”, as pesquisadoras observam que ao estar centrada na criança, a família se tornou o local no qual os sentimentos de afeto e cuidado recebiam prioridade. Nesse sentido é importante, segundo elas, considerar que o cuidado e o afeto com o *pet*, sobretudo, cães e gatos, é um dos elementos significativos na relação das mulheres que se entendem como mães de *pet*.

Gaedtke corrobora a tese anterior (2012, p.78): “O discurso da maternidade, presente na relação entre mulheres e seus *pets*, aparece normalmente vinculado às noções de amor incondicional, afeto, cuidado e responsabilidade.” Para a autora, uma das mais comuns justificativas de mulheres para ocuparem o lugar de mães de *pets* é porque se ocupam e se preocupam tanto quanto uma mãe de um filho humano. Assim, a formação da parentalidade das mães de *pet* se conectaria a um sistema familiar emocional amplo que permite incorporar não só membros da família ou adotivos, mas outras espécies, como cães, gatos etc. Para a pesquisadora, a posição maternal das mulheres, em contraposição aos homens, que mantêm geralmente uma relação de companheirismo com os animais, parece ser um aspecto das famílias multiespécies.

Para Digard (1999), os animais domésticos satisfazem o desejo de maternar das mulheres enquanto os homens são contemplados por eles na sua sede de autoridade. Desse modo, quando eles cuidam dos animais, a grande maioria deles adota uma posição de poder, no sentido de treinar e domar por meio de práticas e métodos o passo a passo para transformar o selvagem e indomável em um companheiro cooperativo e bem-comportado ao passo que o sexo feminino, em geral, assume uma postura de afeição, generosidade e entrega no trato com os

¹-Segundo pesquisa de 2019 elaborada pela Dog hero e Zap móveis, a tutela de *pets* no Brasil é 75% feminina .
-Segundo o IBGE, de 2018 para 2019, uma das atividades que mais cresceu entre as mulheres, no tocante aos afazeres domésticos, foi o cuidado de animais domésticos (2,5 p.p) .

animais. Ainda assim, é importante destacar que nem toda mulher que cuida de um animal se identifica como “mãe de *pet*”, nem todas são permeadas pelo imaginário da filiação.

Neste ponto da pesquisa, torna-se fundamental diferenciar dois perfis de mulheres que cuidam de animais: aquelas que são tutoras e frequentemente rotuladas como “mães de *pet*”, porém, não se reconhecem como mães, uma vez que seus vínculos com os animais assumem formas variadas e nem sempre correspondem à maternidade e aquelas que estabelecem uma relação de cuidado e dedicação com seus animais de estimação que se assemelha ao modo como uma mãe cuida de seus filhos humanos. Essas últimas podem ou não adotar explicitamente o rótulo de mãe de *pet*, mas expressam um envolvimento afetivo e uma responsabilidade que se aproximam dessa condição materna. Tal distinção é importante para compreender formas de conexão afetiva e de identidade presentes na relação entre mulheres e seus animais.

Para Moraes e Perrota (2023), os limites entre o animal membro da família e filho se misturam em determinadas práticas, por exemplo, o fato de toda mãe de *pet* dá nome ao animal não implica que todas que dão nome aos seus *pets* se intitulem mães de *pet*. Para a pesquisadora, o termo é colocado em questão pelas próprias mães de *pet*. Ela apresenta casos em que as pessoas reconhecem o vínculo afetivo, a proximidade e, até mesmo, o sentimento de família com seus animais, todavia, não se constituiriam elementos para uma designação de mãe de *pet*. Nesse contexto, a expressão “mãe de *pet*” emerge como uma construção relacional, cuja validade está menos na categoria em si e mais na experiência subjetiva e simbólica da mulher que a ocupa.

Moraes e Perrota (2023) consideram que a relação interespecífica, pautada nas interações emocionais no caso das mães de *pet*, é vista como mais controversa do que o fato de se propor um novo modelo de família. Nessa perspectiva, Gaedtke (2012) ilustra, na sua pesquisa, toda a problemática em torno da alcunha mãe de *pet*. Algumas feministas criticam o termo, argumentando que ele pode desvalorizar as complexidades e desafios inerentes da maternidade humana cujas sobrecargas, responsabilidades e desafios não competiriam aos tutores de *pets*.

Por outro lado, de acordo com Gaedtke, mulheres defendem o direito de serem nomeadas mães de *pet*, pois sentem um vínculo emocional profundo com seus animais, comparável, sim, ao sentimento maternal. A indústria de produtos e serviços voltados para animais de estimação também tem desempenhado um papel significativo na consolidação desse

imaginário à medida que tem promovido um direcionamento à humanização dos *pets*, incentivando a ideia de que eles são membros da família. Este fator, pondera a pesquisadora, pode realmente influenciar a aceitação do termo mãe de *pet*.

Esses olhares evidenciam que a expressão “mãe de *pet*” é complexa, sendo, segundo Moraes e Perrota (2023) objeto de um intenso debate que envolvem questões sociais, morais e de distinção entre espécies de modo que pode ser compreendida de diferentes maneiras no contexto cultural. No escopo desse estudo monográfico, não se entra nesses vieses, de tal forma que o termo será tomado à condição que haja o estabelecimento de uma relação filial entre mulher e animal, em um contexto que a maternagem do animal embora não possa ser equiparada à humana em sua totalidade, opera como um novo arranjo afetivo e simbólico no campo da cultura.

1.3 Fatores que motivam mulheres a se tornarem mães de *pet*

Algumas razões levam as mulheres a se conectarem com um animal em uma relação filial, dentre elas, a emancipação feminina. A partir do final do século XX, as mulheres começaram a ter cada vez mais direitos e autonomia, assim abriram-se novas fronteiras em termos profissionais e elas passaram a disputar lugares exclusivos da esfera masculina. Para Digard (1999), muitas das barreiras que até então não lhes eram permitidas foram quebradas e a progenitura como única preocupação foi sendo secundarizada, de tal forma que gerou um déficit de maternagem, no sentido das mulheres terem poucos ou nenhum filho, o qual elas tentam, de forma mais ou menos inconscientemente, preencher não somente se ocupando dos animais domésticos, mas tratando-os como se fossem filhos.

O movimento *childfree*, um desdobramento dessa emancipação acena para bandeiras muito caras ao movimento feminista no que diz respeito a liberar as mulheres dos seus grilhões. Apesar de não ser exclusivamente feminino, respalda a reivindicação delas pelo direito à escolha de reprodução ou não-reprodução, visto que a cultura patriarcal impõe a maternidade e a maternagem como naturais e compulsórias para as mulheres. Essa libertação implica questionar valores tradicionais e desconstruir expectativas sociais rígidas que cercam o papel feminino na família e na sociedade.

Nesse contexto, Aguiar e Alves (2021) conectam o movimento *childfree* à maternidade e à paternidade humana de *pets* em arranjos multiespécies. Em sua pesquisa, as autoras investigam os motivos que levam pessoas a optarem por não ter filhos, mas a terem um animal de estimação no lugar deles. Apesar de algumas limitações da pesquisa, como a não inclusão de homossexuais, elas identificam que a busca por liberdade e questões financeiras são fatores que influenciam essa escolha, mesmo quando esses casais gastam consideravelmente com os animais, que passam a ser vistos como membros da família ou até mesmo como filhos.

Em outros casos, o animal pode ser encontrado como substituto para aquele filho que foi embora da casa dos pais, deixando um vazio que causa angústia com sentimentos, como tristeza, vazio, sensação de inutilidade. A “síndrome do ninho vazio” é uma condição em que os pais, muitas vezes a mãe, sentem a falta daquele filho que tendo seu momento de maturidade alcançado, torna-se independente e alça voos. Os *pets* frequentemente vêm para substituir os filhos ausentes, preencher esse vazio. Dunker (2017) identificou essa condição em mulheres com tendência ao acolhimento desmedido de animais.

Sendo assim, a maternidade *pet* aparece inicialmente como algo de reconfortante para a mulher ao oferecer liberdade, flexibilidade e adaptação a diferentes estilos de vida, por não impor as mesmas demandas de um filho humano, o qual exige empenhos que engendram uma sobrecarga extra à mulher moderna, tão atarefada com inúmeras atribuições. Além disso, por outro lado, essa forma de maternagem aparece também como uma forma possível de atender as demandas emocionais de algumas delas, como no caso específico do “ninho vazio” ou aos desejos inconscientes de maternar.

Para Petri e Leite (2005), tal quadro aparece como uma concorrência desleal às crianças. Eles indagam, em forma de trocadilho, se ter filhos revela-se um ‘nega-ócio’ complexo com tendência a perder espaço para o mercado dos *pets*. Segundo esses psicanalistas, a criança, em geral, é pouco competente para realizar o ideal dos pais, ao passo que os bichos parecem mais maleáveis. Isso ocorre porque o animal, ao não acessar a linguagem e a alteridade, se torna um suporte mais disponível para a projeção dos ideais parentais. “Em sintonia com um estilo exigente de formatar-se ao desejo do Outro, os *pet’s* exibem uma desenvoltura espantosa para atender à criação ideal” (Petri, Leite, 2005, p. 4).

Além dessa concorrência, Petri e Leite citam como fator considerável e importante dessa escolha a liberação dos pais da exigência e da culpabilização, às quais são submetidos hoje pela

mídia e pelos especialistas. Essa pressão social intensa cria um ambiente de ansiedade e cobrança constante, que pode levar muitos a repensar o modelo tradicional de parentalidade. Concluem que o narcisismo dos pais pode encontrar no *pet* uma forma de amor com mais controle e menos dor de cabeça, uma vez que é mais fácil responder às demandas dos animais domésticos. Os *pets*, portanto, surgem como uma alternativa afetiva que oferece satisfação emocional sem o peso das responsabilidades e expectativas sociais em torno da criação de filhos humanos.

Constata-se, contudo, que, quando o recorte se detém sobre as mulheres, evidencia-se o viés de gênero. A suposição de que a escolha pelo animal, em lugar da criança, promoveria uma modalidade de vínculo mais maleável e menos atravessada pelas exigências do , revela-se, em muitos casos, ilusória. Longe de escapar ao imperativo materno, muitas dessas mulheres se veem capturadas na mesma lógica da maternidade humana, assumindo, de modo solitário ou majoritário, a gestão tanto afetiva quanto financeira do cuidado com o animal, o que recoloca, sob outra roupagem, as mesmas obrigações e sobrecargas que recaem historicamente sobre o feminino.

Gaedtke (2017) destaca que diante de tamanha expectativa por adequar a convivência com os *pets* às configurações de civilidade de uma sociedade, os sentimentos, nos arranjos multiespécies são intensos e muitas vezes controversos nos mesmo moldes de uma família exclusivamente humana. Nessa perspectiva, manifestações de sacrifício e culpa em relação ao animal podem frequentemente surgirem. Nessa linha sacrificial, há um paradoxo, pois os bichos aparecem ao mesmo tempo como “uma fonte inesgotável de amor verdadeiro e como uma convocação de responsabilidade e doação por parte dos seus cuidadores” (Gaedtke, 2012, p. 85), o que acaba gerando sentimentos de culpa bem similares aos produzidos em relação à criança.

Sob a perspectiva da culpa, Gaedtke identifica diversas formas pelas quais ela se manifesta entre os tutores de animais. Uma delas decorre da não-agência do animal, isto é, do fato de ele não poder expressar seus sentimentos e dores como os humanos. Outros sentimentos de culpa estão relacionados a situações como deixar o animal sob os cuidados de terceiros, permitir que outro animal se aproxime de seus pertences após sua morte ou, ainda, diante do dilema de adotar ou não um novo *pet* após o falecimento. Há também o temor de não oferecer

ao animal tudo o que ele necessita materialmente, o que inclui alimentação adequada, medicação, atendimento veterinário e até planos de saúde.

Ainda que pesem todos os problemas e a carga do animal sobre os tutores, especialmente as mulheres, as animais domésticos ainda prometem uma resposta de amor sem nenhuma condição, o que os tornam extremamente atraentes. Digard (1999) pondera que o animal de estimação funciona como uma espécie de emissário narcísico, um substituto catártico que face às instabilidades múltiplas que reinam no seio da família contemporânea, ele representaria o único elemento estável, sempre presente quando necessário, o único ser sobre o qual o sujeito acredita ainda ter algum controle.

1.4 Mães de *pet* e narcisismo

O sentimento materno humano endereçado ao animal é com certeza uma das manifestação marcantes da subjetividade contemporânea, mas não parece, conforme visto até agora, apontar para um tipo novo de maternagem, talvez, pelas próprias condições de gênero marcadas por um patriarcado que submete a mulher a um modelo de maternidade engessado, apesar dos avanços no campo das conquistas femininas. Dessa forma, os sentimentos, as ações e comportamentos de mães de *pet*, nessa configuração de intensa humanização, são bem similares aos das mães de humanos.

Todavia, não se pode falar realmente de uma equivalência, pela simples razão de que, do outro lado de uma mãe *pet*, existe um animal, não um bebê. Conforme foi visto, o animal sendo da ordem do imaginário, não produz intercâmbio simbólico, nem é capaz de se identificar ou produzir vínculo intersubjetivo. O animal será sempre animal. Dessa forma, poder-se-ia, talvez, inferir que essas mães vivem uma relação um tanto “fictícia” com seus bichinhos, os quais funcionam como um refúgio de suas projeções que com suas roupinhas, babadores e chupetas, podem eternizar e cristalizar o neném, a criança da mamãe.

Para Vianna (2015), realmente maternar um animal é de uma ordem diversa, porque os bichos são filhos de um tipo diferente. Os *pets* são como se fossem humanos para os humanos, fato que impede a estes animais um mundo próprio, pois estes não são, do ponto de vista de seus donos, humanos para si mesmos. Enfim, eles seriam o próprio espelho humano dos seus cuidadores. Para sustentar sua tese, utiliza a psicanálise.

Então, nesse sentido, os cães são filhos de um tipo diferente, pois, para usar os termos da psicanálise, eles nunca matarão seus pais e nunca farão eles próprios suas escolhas, *perpetuando* o complexo edipiano, serão sempre tutelados e desresponsabilizados de si próprios. Os “filhinhos” estarão assim, no diminutivo, em uma extensão aprisionadora e desafortunada, projetada por seus donos ou “pais” até o último dia de suas vidas. (Vianna, 2015, p. 12,13)

Na ótica da psicanálise, realmente não há uma relação direta do humano com o *pet*. Essa sempre será mediada por investimentos narcísicos, portanto, portará nossas fantasias conscientes e inconscientes, aliás, como em todos os vínculos estabelecidos pelos seres de linguagem. A dinâmica observada na figura da mãe de *pet*, conforme problematizada por Vianna, evidencia um processo em que o animal é elevado à condição de objeto de amor imaginariamente construído, a tal ponto que sua alteridade é obliterada. O bicho, então, deixa de ser reconhecido em sua diferença, como ser não-humano, para ocupar o lugar de um outro moldado pelas idealizações e demandas do sujeito. Trata-se, portanto, de uma captura imaginária que reduz o animal à função de suporte fantasmático do narcisismo humano.

Digard (1999) considera também esse lugar do animal como mera extensão dos cuidadores, os quais amam narcisicamente seus animais domésticos cuja única função manifesta é girar em torno deles mesmos, elevando-os a um pedestal. O estudioso propõe a noção de “*petshismo*”, o qual seria uma espécie de “fetichismo”. Os animais são, portanto, filhos fetichizados. Nessa perspectiva, eles são vistos como fetiches que, por essa condição, são idolatrados, como seres divinos. Os pais e mães *pets* produzem uma fantasia dos animais como bebês, transformando-os em objetos de desejo fetichista .

Para o etnólogo francês, amamos os animais pelo que eles não são (brinquedos de pelúcia, crianças etc.), o que prova um narcisismo fundamental nas formas da paixão animal, cujos impulsos que a movem consideram a domesticação dos animais mais como lógica de poder e sedução do que algo do âmbito da necessidade. Assim, conclui Digard, é que a contemplação de si mesmo e do outro pelo prisma distorcido do animal é capaz de engendrar tanto um refúgio quanto um perigo, identificados em atitudes narcisistas, como a perda de interesse por qualquer relacionamento com um parceiro social.

Dunker (2017), a exemplo de Vianna, também considera que os animais de estimação são ou pelo menos deveriam ser um tipo de filho bem diferente do humano, aqueles que não crescem, não se rebelam, não contrariam os pais, não exigem autonomia, não os abandonam. Seriam eles extensão metonímica da nossa vida, parte da família que o acolhe, no entanto, eles

não são os filhos, mas uma metáfora deles, pois eles não estão aprisionados às leis simbólicas do humano.

Segundo Dunker, os animais de estimação que integram nossa história de vida exercem um papel significativo, não apenas compondo nossas experiências afetivas, mas também contribuindo para a formação da nossa capacidade de amar. A relação com o animal de companhia, nesse sentido, reatualiza, ainda que de forma invertida, os cuidados vivenciados na primeira infância. Assim como eles, também fomos, em nosso início de vida, seres desamparados e totalmente dependentes de uma figura cuidadora, dotada de autoridade e poder sobre nosso bem-estar. É a partir dessa identificação com a condição infantil que emerge a imagem de simpatia, compaixão e acolhimento que os animais frequentemente despertam nos humanos, funcionando como espelhos de nossa própria vulnerabilidade originária.

Dunker propõe que com os animais de estimação, revive-se o amar e ser amado descrito por Freud como narcisismo, todavia, confunde-se amar o outro e amar a si mesmo através do outro, assim, quando ama-se um animal, um filho, um amante como a nós mesmos podemos chegar a ter atitudes terríveis com o objeto do amor. Dessa forma, é importante amar entendendo o outro como alguém diferente, estranho a si mesmo, conclui o psicanalista .

Para Dunker, a gramática amorosa dos animais ensina aos humanos fidelidade, constância e retribuição, baseada em uma forma estável de “ser como nós, mas um outro”. Ao contrário das relações humana que sempre se desgastam e se enfraquecem com o tempo. “A convivência com os animais tende a ficar mais forte com o tempo, nos introduzindo a um tipo de retribuição miúda, de contrapartida mínima, mas constante, que não conseguimos suportar quando se trata de outro ser humano”. (Dunker, 2016, p. 166). Nessa perspectiva, segundo o psicanalista, com os animais domésticos, é possível realizar o antigo sonho humanoide de um casamento feliz.

Parece que essa relação miúda com o animal se tornou pouco nas sociedades de consumo em que nada pode ser pequeno e morno. Segundo Abonizio e Baptistella (2016), o animal doméstico é alçado a um lugar de objeto precioso em que os investimentos financeiros são feitos pelo valor e qualidade da relação emocional. Logo, há um *marketing* em torno da grandiosidade moral e do tipo de amor que os *pets* oferecem aos humanos, considerado um sentimento de qualidade superior “que se traduz em gestos diários em relação aos donos, como recebê-los sempre com felicidade, pedir e dar carinho, manifestar ciúmes e até segui-los por

toda casa.” (Abonizio e Baptistella 2016, p. 11). Assim, a imagem amorosa, sublime e espetacular do animal retorna aos donos como um reflexo.

A inscrição do animal em um plano de completude revela-se profundamente sedutora, sobretudo, quando se articula à dimensão da maternidade, como ocorre no fenômeno das mães de *pet*. Nessa configuração, a fantasia da mãe não falta se sustenta no suposto “instinto materno”, que veicularia a promessa de um amor absoluto, incondicional e pleno no laço com o filho. Quando esse filho é um animal, tal fantasia adquire ainda mais consistência, na medida em que o *pet* passa a encarnar a ideia de uma presença estável, de uma estabilidade e entrega a toda prova quando comparada com uma criança que afinal é um sujeito suscetível que, a qualquer momento, pode frustrar ou não responder a demanda materna de realização plena.

“Quem trata seus animais com uma parte de si mesmo, humanizando-os realmente como filhos ou brinquedos, chamando-os de nenê, por exemplo, pode estar indicando uma forma mais simples e narcísica de amar”. (Dunker 2017, p. 91). Um amor narcísico podem sustentar descompensações em algumas mães de *pet*, quando estas não reconhecem, para além das suas projeções, o animal na dimensão de sua alteridade, como no caso fictício de Damaris cuja trajetória será aqui examinada. Para melhor entender o processo que envolve a questão narcísica da maternagem humana de um animal, tema do trabalho monográfico em questão, no próximo capítulo, será trazido mais sobre o saber teórico-clínico da psicanálise que permitirá aprofundar a descrição desse fenômeno.

2. O ESPELHO ANIMAL: mãe de pet e dinâmicas narcísicas

No capítulo anterior, foi visto que com o surgimento da família multiespécie, comendo novos arranjos familiares, constrói-se um novo lugar para os animais domésticos, em que eles se tornam objeto de intensa humanização, sobretudo, perpetrada pelas mães *pets*. Muitos pesquisadores têm se debruçado sobre o fenômeno a fim de melhor compreendê-lo: Vianna (2015) atenta para o fato de que não existe uma relação genuína entre animal e cuidador, na medida em que aquele é humanizado. Digard (1999) refere-se à imagem fetichizada do animal no “petshismo”. Dunker (2017) lembra que o excesso de humanização leva ao amor narcísico. Gaedtke (2012) debate a humanização dos bichos como resultado do consumo e da biopolítica. Segata (2012) se refere ao arrefecimento das pulsões animais engendrado por seus tutores. Desse modo, todos esses teóricos buscam entender diferentes dimensões da problemática.

Ainda que pese a diferença de perspectivas, no coração desse debate, o que se sobressai é a suposição básica, entre esses estudiosos, de que há uma profunda “dessubjetivação”² do animal na contemporaneidade. Este é esvaziado de qualquer estatuto de alteridade, capturado como objeto da economia narcísica do humano. Nesse registro, como assinalam Deleuze e Guattari (1997, p. 21), ele é reduzido à condição de espelho, de duplo, de ideal do humano. Temos, então, “os animais edipianos, de historinha, “meu” gato, “meu” cachorro; estes nos convidam a regredir, arrastam-nos para uma contemplação narcísica”. Estamos falando, portanto, de uma dinâmica que engendra novas formas de amar os animais de estimação.

Tal cenário poderá ser melhor compreendido a partir do construto teórico-clínico da psicanálise à luz dos postulados teóricos de Sigmund Freud no que concerne, sobretudo, ao estudo do narcisismo aliados à teoria do estágio do espelho e o sistema ótico de Jacques Lacan. Desse modo, espera-se, a partir desses referenciais, tendo em vista à problemática do projeto em questão, ter subsídios de investigação os quais podem, talvez, ajudar a elucidar certos

² No escopo dessa pesquisa, o termo dessubjetivação remete ao processo de intensa humanização do animal por parte dos seus tutores .

aspectos da relação especular humano/ animal, em especial, a maternagem humana de um animal, bem como as perturbações narcísicas que podem surgir desse elo.

2.1 A especularidade em Freud e Lacan

Para Zimmerman (1999), Freud deu inúmeras contribuições à teoria psicanalítica em relação à função especular em estudos relativos à cena primária e às escolhas narcísicas de objetos. Dessa forma, a especularidade enceta questões ao que Freud denominou narcisismo. Tal conceito vai ser apresentado em 1914, em “Introdução ao narcisismo”, estando ligado, principalmente, à constituição do eu. Zimmerman aponta também a importância que Freud dá à função especular em “Além do princípio do prazer” (1920), no qual descreve suas observações acerca do jogo do carretel (“Fort-Da”) e, no rodapé da obra, o descreve como jogo do espelho. Uma outra leitura da função especular em Freud pode ser depreendida das formulações desenvolvidas em “O estranho” (1919) acerca do fenômeno do duplo.

Lacan (1949) alarga as noções de narcisismo de Freud com a teoria do estágio do espelho, o qual descreve o momento em que a criança começa a se reconhecer como um sujeito separado e distinto da mãe. Esse processo ocorre quando o bebê vê sua imagem refletida em um espelho e experimenta uma sensação de unidade e totalidade, momento fundamental na constituição do sujeito. O estágio do espelho não é apenas um fenômeno constitutivo, como também reflete o caráter conflituoso da alteridade “O eu é esse mestre que o sujeito encontra num outro, e que se instaura em sua função de domínio no cerne de si mesmo”. (Lacan (1955-1988, pag.110)

Portanto, a teorização sobre narcisismo postulada por Freud e ampliada por Lacan no estágio do espelho revela que, na constituição do sujeito, o eu e o outro estão em uma relação de espelhamento. O objeto amado é percebido à imagem do eu e reconhecido pela semelhança em um laço chamado narcísico : o eu ama a si próprio e busca a si mesmo no objeto amoroso, o eu se constitui e se estrutura na imagem de um outro e pela ação desse outro se funda. O eu se produz, logo, a partir da imagem do outro como um espelho. Essa alteridade se fixa de forma indelével na essência do eu e modula suas ações no mundo.

2.2 A dinâmica narcísica

Lacan, no “Seminário 1”, remetendo-se a Freud, diz que o eu resulta de uma série de traços dos objetos amados que se inscrevem inconscientemente. Para ele, o eu assume os traços do objeto, como uma cebola formada por diferentes camadas de identificações com o outro. “O eu é um objeto feito como uma cebola, poder-se-ia descascá-lo e se encontrariam as identificações sucessivas que o constituíram.” (Lacan, 1953-54 /1986 p.199). A metáfora nos leva à questão de que a dinâmica narcísica formada por processos de identificação e investimentos libidinais sempre trazem traços identificatórios, dessa forma, constituindo-se como fonte organizadora do psiquismo.

A vida psíquica é, assim, uma construção em várias camadas que se organiza em torno dos laços sociais a partir da história identificatória do sujeito. No início da vida, o que Freud (1914/1979) denomina narcisismo primário é a satisfação originada dos investimentos pulsionais do bebê em seu próprio corpo. Nessa etapa, segundo ele, o ser humano tem dois objetos sexuais : ele-mesmo e a mulher que lhe proporciona cuidados. Desse modo, envolto na sua onipotência, desconhece a realidade do mundo, não sabe que suas necessidades dependem do deciframento do outro e do ambiente. O seu mundo é sustentado pela imagem, a criação dos objetos internos e das fantasias inconscientes.

Gradualmente, esse processo culmina na constituição da subjetividade, marcada pela irrupção do outro e pela emergência das chamadas relações objetais. A libido, que inicialmente estava investida no próprio eu, passa a ser dirigida aos objetos externos, os quais se tornam alvos de investimento libidinal, processo que caracteriza o narcisismo secundário. De acordo com Freud (1914/19179), o desenvolvimento do eu implica um afastamento progressivo do narcisismo primário, estágio em que o sujeito se constitui como objeto exclusivo de seu próprio amor. Paradoxalmente, no entanto, o eu não cessa de aspirar ao reencontro com essa experiência inaugural de completude narcísica, buscando sua restauração por meio da instância psíquica do ideal do eu. Como observa Nasio (1997), enquanto no narcisismo primário o outro se confunde

com o próprio eu, no narcisismo secundário a alteridade se impõe: o sujeito só pode experimentar a si mesmo a partir da mediação do outro.

A dinâmica narcísica, portanto, está ancorada na articulação entre o eu e o ideal do eu, funcionando como uma espécie de balança entre as instâncias internas e as exigências do mundo externo. As experiências de satisfação e de perda são, nesse contexto, incorporadas à organização do ego, participando de sua constituição e transformação ao longo do tempo. Para a psicanálise, as marcas do narcisismo primário e secundário não se restringem a uma fase específica, mas permanecem como elementos estruturantes da subjetividade, sustentando as possibilidades de adaptação do sujeito ao laço social e à cultura. Assim, o narcisismo se revela como uma matriz constitutiva do eu e de sua relação com a alteridade, o qual permite aos sujeitos suas adaptações no mundo e na cultura.

2.2.1 Narcisismo primário e eu ideal

Em seu estudo etnográfico, Pastori (2012) aponta, no discurso dos donos de animais de estimação, uma permanente referência ao apego, ao amor transbordante recebido de seus animais que os conectam com algo mais amplo, mais elevado, colocando-os em contato com uma pureza supostamente perdida pelos humanos. Eles são imaginados, assim, como seres completos, situados no plano de uma perfeição jamais encontrada no mundo humano. “O *pet* torna-se, no contexto sociocultural em que foi realizada a investigação, a fonte de um excesso que conecta as pessoas a algo que é vivido como uma espécie de transcendência inscrita no cotidiano.” (Pastori, 2012, p.44)

Sob a perspectiva da psicanálise, as falas de tutores que atribuem ao animal características de pureza, castidade e perfeição revelam traços de uma fantasia de completude que remete ao narcisismo primário, tal como formulado por Freud. Trata-se de uma projeção de um estado inaugural de satisfação absoluta, anterior à experiência da falta e da alteridade. Lacan (1953-1954/1986), por sua vez, contribui para essa leitura ao afirmar que, no registro do imaginário, o animal pode operar como suporte de uma ilusão especular: nele, o sujeito encontra uma coincidência entre a imagem e o objeto real e justamente é essa coincidência que confere à imagem uma materialidade encarnada, reforçando seu poder de fascinação. “Esse animal ideal

nos dá uma visão de completude, de realização, porque supõe o encaixe perfeito, e mesmo a identidade do *Innenwelt* e do *Umwelt*.³ (Lacan 1954-1955/1986, p.161)

Essa idealização projetada no animal encontra respaldo na própria estruturação do narcisismo primário, como descrito por Freud (1914/1979) em que o estabelece como ponto de partida a partir do qual desenvolverão todas as relações de objeto e todos os processos de identificação e diferenciação do indivíduo em relação ao outro. Ele se estrutura por intermédio das relações estabelecidas com aqueles que circundam o bebê, sobretudo, as figuras dos pais que dão lugar a instauração da onipotência primária. O narcisismo primário é uma herança do ideal narcísico dos pais. O bebê ocupará o lugar daquilo que ficou perdido na vida deles. Ele deve recuperar todos os privilégios que estes foram obrigados a renunciar e realizar os sonhos e projetos em que eles fracassaram.

A criança terá mais divertimentos que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte, a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação - 'Sua Majestade o Bebê'. (Freud 1914/1979, p. 57)

Nos arranjos familiares multiespécies, muitas vezes, as idealizações parentais são direcionados aos “filhos de quatro patas”. Assim, as mães e pais de *pets* podem fazer dos seus bichinhos um reduto dos seus desejos narcísicos infantis e dos seus ideais de plenitude. Essas expectativas podem ser reconhecidas nas equivalências culturais, como na eleição do nome atribuído ao *pet*, quando é escolhido muitas vezes em alusão a algo importante da vida dos cuidadores ou a alguém considerado por eles poderoso, a uma celebridade da preferência deles. Ocorrem também escolhas que reproduzem os sobrenomes dos “genitores” *pets*, ou aquelas se referindo ao nome que dariam a um filho humano, como foi o caso de Damaris, personagem do livro “A cachorra”.

A ideia de uma “majestade *pet*”, ou seja uma correspondência entre bichos de estimação e humanos nas fases iniciais da vida do *pet*, aparece no fenômeno descrito por Digard como pediatriação. Pastori (2012, p. 82) o retoma, em sua pesquisa, ao afirmar que “pediatriação” dos *pets*, que surge, portanto, por meio da transformação do *pet* em uma espécie de filho da família e, muitas vezes, pela sua alocação como o bebê da casa”. Digard (1999) aponta para o desejo dos cuidadores de que o animal seja percebido como um bebê, de forma que muitos

³ *Innenwelt* e *Umwelt* são termos do alemão que significam respectivamente mundo interno e mundo externo.

animais são escolhidos por características físicas que os remetem aos bebês: face achatada, olhos grandes, formas arredondadas, membros curtos e arqueados, dentre outras características.

Assim, bojo do ideal narcísico parental, o narcisismo primário corresponde, segundo Freud (1914/1979) a certa unificação das pulsões em uma primeira organização servindo para receber e agregar as identificações do bebê que virão posteriormente. Nesse processo, as demandas pulsionais dos pais se instalam no aparato psíquico da criança, constituindo uma espécie de eu primário, daí deriva-se o eu ideal, instância em que se refugia os ideais de perfeição dos pais. O eu ideal corresponde à imagem idealizada de si mesmo criada devido à nostalgia do narcisismo primário, ao que se gostaria de ter sido no desejo dos pais, enfim, ao si mesmo como um objeto para o outro.

Lacan (1953-1954/1986), por sua vez, reformula essa concepção ao situar o eu ideal no registro do imaginário, como uma instância fundada sobre uma projeção especular. O eu ideal se forma, portanto, a partir da imagem no espelho que promove uma primeira ilusão de unidade de totalidade do bebê. Para afirmar essa sua assertiva, o psicanalista se utiliza do experimento de Bouasse que consiste em se observar um vaso sobre uma caixa e um buquê de flores embaixo frente a um espelho côncavo, assim, devido às propriedades ópticas do espelho côncavo que inverte as flores e as coloca sobre o vaso, é permitido ao observador ver o vaso (objeto real) com as flores (imagem real). Também o grande outro primordial, quando posicionado no lugar de observador, seria capaz de modo análogo ao experimento, antecipar tudo que é representável do bebê em uma imagem de uma unidade que produz a ilusão do eu ideal.

Segundo Násio (1997), esse lugar de objeto para o outro em que a criança se encontra é colocado em xeque, uma vez que a criança submetida às exigências do mundo que a cerca, percebe que a mãe também deseja fora dela e que ela não é tudo na sua vida. Freud chamou essa primeira percepção de ferida infligida ao narcisismo primário da criança. A partir daí, o objetivo da criança ferida será fazer-se amar pelo outro, agradá-lo para reconquistar seu amor, mas isso só pode ser feito através da satisfação de certas exigências do ideal do eu. Para Násio, o elemento mais importante que vem perturbar o narcisismo primário é o “complexo de castração”. É através dele que se opera o reconhecimento de uma incompletude que desperta o desejo de recuperar a perfeição narcísica supostamente perdida.

2.2.2 Narcisismo secundário e ideal do eu

Segundo Freud (1914/1979), o narcisismo secundário corresponde ao movimento de retorno da libido ao eu, após ter sido previamente investida em objetos externos. Nessa dinâmica, o eu opera como um reservatório central da energia libidinal: a libido parte dele em direção aos objetos e, posteriormente, retorna a ele. A libido objetal, sob essa perspectiva, é concebida como derivada da libido do eu, podendo ser reconvertida a essa condição. Freud ilustra esse processo com a imagem dos pseudópodos de uma ameba, que se estendem em direção ao objeto e, em seguida, retraem-se, remetendo à ideia de um fluxo pulsional que alterna entre o investimento objetal e o recolhimento narcísico.

Assim, formamos a idéia de que há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz. (Freud, 1914, p. 47)

O narcisismo secundário, assim, surge como uma substituição do amor objetal pelo amor ao próprio eu. No final das contas, ele se define como o investimento libidinal (sexual) da imagem do eu, sendo essa imagem constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos, desse modo, o outro é construído a partir de uma forma fantasiosa. O narcisismo secundário vai se interligar ao ideal de eu, o qual ao internalizar a exigências parentais e culturais, funcionará como uma forma de mediação e direcionamento da dinâmica libidinal.

Desse modo, enquanto a noção de eu ideal designa o estado narcísico de onipotência na infância, a noção de ideal de eu refere-se a uma instância diferenciada do eu que vai ditar um modelo ao qual o sujeito procura conformar-se. Importante ressaltar que o eu ideal não representa uma fase a ser superada e substituída por outra que seria o ideal do eu, na verdade, o eu ideal, como aponta Lacan (1953-54/1986) permanece transformado no adulto quando ele consegue aproximar-se do seu ideal do eu que, por sua vez, diz respeito às exigências que veiculam o lugar da lei, visando o ingresso nas trocas simbólicas.

Para Freud (1914/1979), o eu ideal é o alvo do amor de si mesmo e se acha possuído de toda perfeição e valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o sujeito se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou, de uma perfeição narcisista de sua infância, então, “se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter

aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um ideal.” (Freud 1914/1979 p. 58). Desse modo, o ideal do eu passa a ser o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal.

Em “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1921, Freud aponta o ideal do eu como uma instância distinta do eu com o qual ele se alterca frequentemente na perspectiva de afastar da consciência impulsos incompatíveis. O ideal do eu operaria, então por mecanismos tais como a auto-observação, a consciência moral e a censura onírica. Em “O id e o ego” (1923), Freud supõe a existência de uma gradação no eu, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de ideal do eu ou supereu. O ideal do eu aparece, portanto, formado por identificações com os pais e seus substitutos sociais, reunindo funções de interdição e de ideal e representando a relação com os pais. “Quando pequenos nós conhecemos, admiramos, tememos estes seres elevados; depois os acolhemos dentro de nós” (Freud, 1923/2011, p.33)

Sobre a diferenciação entre o supereu e o ideal do eu, Freud pouco falou, por isso os dois termos se misturam na sua obra. Ele estabeleceu, em linhas gerais, na sua obra, que o supereu é, em uma de suas funções, veículo do ideal do eu e representante do “isso”, seu lado pulsional, mas também herdeiro do complexo de Édipo, sua vertente que está entrelaçada ao ideal do eu. Lacan (1959-1960/1988) desvincula o supereu da proposta freudiana de herdeiro do Édipo, embora considere que o supereu e o ideal de eu surgem do declínio do Édipo e ambos sejam produto da identificação com o pai. Lacan situa o supereu não mais como moral, como teria sido proposta por Freud, mas como amoral, um agente da pulsão de morte que se orienta pelo imperativo do gozo seja na forma de obediência ou transgressão à lei.

Para Lacan, o ideal do eu, por outro lado, é uma instância simbólica relacionada à função do supereu, o qual sustenta os padrões e ideais aspirados pelo eu e organiza a estrutura imaginária dele. O “ideal do eu” funcionaria como uma referência, como um norte que orienta o sujeito no caminho do desejo e nessa condição, ele nunca se alcança. Em Lacan, o ideal de eu se constrói, como já visto, exatamente quando se dá a entrada do sujeito no que ele denomina ordem simbólica, quando ele esbarra na lei do grande Outro. O ideal do eu, dessa forma, guia o desejo do sujeito de um modo a conduzi-lo para além das fronteiras do narcisismo primário, do “eu ideal”, filiando-o às estruturas sociais e simbólicas.

No esquema ótico, o ideal do eu está do outro lado do espelho côncavo. Nessa perspectiva, Lacan colocará no lugar do observador do vaso unificado com as flores, um espelho

plano como o olhar do Outro primordial (A). O “olho” passa a ser do bebê que vê a própria imagem refletida no interior do espelho plano (A). Além disso, Lacan inverte a posição dos objetos e coloca o vaso dentro da caixa e as flores sobre ela. Do lado esquerdo do espelho, fica o eu ideal sob recalque e o sujeito passa a se ver em outra instância, do lado direito, onde se localiza o ideal do eu. “O sujeito vê o seu ser numa reflexão em relação ao outro, isto é, em relação ao “Ich-Ideal.” (Lacan, 1953-1954 /1986, p. 148). Lacan orienta que o eu ideal se forma no interior do espelho plano, no qual o eu ideal pode ser então projetado.

Nos postulados teóricos de Freud e Lacan, verifica-se que a constituição do ideal do eu está profundamente enraizada no laço do sujeito com a cultura, o que o insere nos discursos de dominação, poder e normatividade. Assim, quando se pensa sobre a humanização dos animais, compreende-se que o ideal do eu se articula em dois movimentos. O primeiro diz respeito à humanidade como ideal a ser alcançado, não apenas pelos sujeitos humanos, mas também projetado sobre os animais, esses “outros humanos”, como nomeia Segata (2012). Desse modo, constitui-se uma exigência: humanizar-se cada vez mais, ao mesmo tempo em que se estende essa operação simbólica de humanização aos animais de estimação.

O segundo movimento, por sua vez, inscreve-se diretamente na lógica do consumo. Aqui, o animal é capturado como gadget vivo, conceito que traduz sua conversão em objeto de satisfação narcísica, bem como em consumidor potencial, articulado às engrenagens do capital como observou Gaedtke (2017). Nessa operação, ele deixa de ocupar o lugar de alteridade radical e passa a funcionar como extensão do narcisismo do sujeito e incluído nas dinâmicas do capital, em que desejos e afetos são mediados por dispositivos ideológicos e econômicos que sustentam e alimentam o ideal do eu.

Para Segata (2012), para transformar os *pets* em humanos, a sua natureza animal deve ser dissimulada mediante muitos recursos e manejos adequados para que se diluam os impulsos animais. É nesse sentido que os animais são submetidos às equivalências culturais, como serem vestidos como crianças; às técnicas de adestramento, para não emitirem sons naturais, por exemplo; aos diagnósticos para controlar sua natureza, assim tomam antidepressivos, fazem uso de acupuntura e florais de Bach. Para Vianna (2015), uma vez refreada a animalidade dos cães, acede-se a seres extraordinários, tanto por suas virtudes humanas quanto pela disponibilidade com que as oferecem aos seus donos.

O mercado de consumo é apontado como estopim no processo de humanização dos animais. Ele “transformou o olhar que formata os bichos ao convívio com os seres falantes. Em tempos de capital pós-industrial, que solicita a intensificação do consumo, um novo saber conforma latidos e miados ao ‘disc-urso’ corrente. Agora eles habitam o verbo “precisar” (Petri e Leite, 2010, p.3). Dessa forma, o animal, além de ter que domesticar seus instintos, de simular princípios e sentimentos humanos, precisa consumir, ao mesmo tempo que é também consumido, transformado em um *gadget* vivo. Para Lacan (1969-1970/1992), o objeto a, causa do desejo, é capturado na forma de *gadget*, um objeto que se apresenta como promessa de satisfação. Esse *gadget* ocupa o lugar do outro do discurso capitalista, funcionando como suplência da falta estrutural e como mercadoria que encobre o impossível do desejo.

Assim, a partir dessa ótica, tem-se uma lista completa daquilo que se deve fazer com os animais para que eles possam se metamorfosear em nós humanos. A família multiespécie parece ser o lugar propício dessa transformação e a mulher, mãe de *pet*, surge como o ser mais tarimbado para encaminhar esse projeto de humanização, a ela compete atender as demandas sobre cuidados e consumos oriundos do mercado *pet*, o qual lhe impõe um discurso de responsabilização vigilância biopolítica como destacou Gaedtke (2017) que delimita a lista de demandas do que seria uma mãe de *pet* ideal. Naturalmente, dado o peso dessa missão, surgem as angústias que as assolam que podem servir como ancoradouro de sofrimentos e perturbações. Desse modo, no desejo de atender aos ideais que se espera de uma mãe de *pet*, muitas mulheres podem forjar arranjos narcísicos problemáticos.

2.2.3 O fenômeno do duplo

Um outro conceito que remete à especularidade e que pode lançar luz ao debate sobre a humanização de animais é o conceito de duplo. Freud (1919/1996) o aborda a partir da ótica de Otto Rank, o qual liga o duplo, por exemplo, a reflexos em espelhos, sombras, espíritos guardiões, crenças na alma imortal. Ele afirma que originalmente o duplo era uma segurança contra a aniquilação do ego. No entanto, ao passar do narcisismo primário, no qual foi brotado, o duplo pode perder seu propósito original de proteção e se tornar mortífero e persecutório, criando, então, figuras demoníacas e aterradoras.

Pastrini examina o fenômeno *pet* tomado do ponto de vista dos tutores que se sentem centro do amor incondicional dos animais, capazes de oferecer-lhes aquilo que eles perderam como humanos ao entrarem para o mundo da linguagem. Esses “seres não-verbais entrar-se-ia em contato com uma espécie de integridade da existência, a qual estaria na origem dos humanos e que persistiria nos animais.” (Pastrini 2012 pag 93). Nessa perspectiva, o animal funciona como o outro que com sua plenitude oferece proteção contra o sentimento de desamparo. Temos, assim, o duplo idealizado ressuscitado do narcisismo primário : “uma criação que data de um estágio mental muito primitivo, há muito superado - incidentalmente, um estágio em que o ‘duplo’ tinha um aspecto mais amistoso.” (Freud, 1919, p.293)

Nesse sentido, Mezan (1987) liga a formação do duplo, que pode aparecer na inveja, à imagem idealizada de nós mesmas construída pela nostalgia do narcisismo primário, ou seja, o eu ideal, o qual, em razão do movimento libidinal, pode ser projetado para certos objetos convertendo-se assim em duplos do indivíduo via eu ideal. Seriam os objetos idealizados concebidos como perfeitos. A perfeição se originaria da não dependência a algo exterior para obter o gozo sexual, posto que esses objetos não precisaria de nada que os preenchesse. Em resumo, para o autor, são imaginados como possuindo extraordinárias capacidades de autossatisfação. Isso funciona para qualquer idealização, mesmo que os atributos em função dos quais o objeto é sobrevalorizado nada tenham a ver, aparentemente.”Diante de um objeto idealizado, sentimo-nos dispensáveis, inferiores: nada temos a aportar que o objeto já não possua” (Mezan,1987, pag 9)

O duplo do narcisismo primário “converteu-se num objeto de terror, tal como após o colapso da religião, os deuses se transformam em demônios.” (Freud, 1919 p. 294) . Para o pai da psicanálise, no fenômeno do duplo aquilo que era da ordem do conhecido (*Heimliche*) dá lugar a um estranho que observa (*Unheimliche*) não mais reconhecido. Essa divisão subjetiva que constitui o duplo pode estar, diz Freud, na base da formação de uma instância crítica, com a função de observar e criticar o eu (posteriormente superego, em “O eu e o id”) . Uma atividade psíquica que trata o resto do ego como um objeto investe o duplo de um novo significado.

A respeito da relação entre o duplo e o estranho, Arruda (2019) associa ambos aos mecanismos de repetição : o estranho repete numa outra cena, a primeira que deixou a sua marca traumática e que retorna em diferentes situações as quais remetam a traços que se conectam ao trauma inicial, como na análise, no ato de uma associação livre. Num duplo há a

identificação com outra pessoa ou uma imagem da mesma vista por um ângulo jamais percebido antes. Há, portanto, uma surpresa, uma confusão de identidades e também uma estranheza. Enfim, conclui a psicanalista, tanto um como outro portam os componentes que trazem traços que se assemelhem ao trauma inicial.

Lacan discute a questão do duplo em sua obra ao enunciar a frase do escritor francês Arthur Rimbaud "o Eu é um Outro". A citação remete ao fato de que realmente se pensa como íntimo está impregnado pelo outro. No estádio do espelho, Lacan (1949-1966/1998) aponta que, inicialmente, o bebê, vê um outro, um estranho no espelho, porém, em um segundo momento, percebe a si mesmo na imagem do espelho, ainda que de forma confusa e alternada. Finalmente, ratificado pelo grande Outro, vai se dar conta que a imagem do outro no espelho o representa. Segundo o psicanalista, essa dinâmica identificativa, transitivista e paranoica do estádio do espelho perdurará pela trajetória do sujeito em suas estruturas narcísicas.

Nessa perspectiva, o duplo para Lacan se constitui a partir da imagem no espelho calcada sobre a tendência externa inerente à formação do eu. Esse reflexo aparece como uma intrusão narcísica, já que é necessário que o eu aliene-se nele. Esse processo deixa uma fissura que se perfaz entre a experiência do corpo fragmentado do bebê e a imagem inteira com a qual ele se identifica. Essa identificação, por sua vez, enseja uma alienação, na qual o eu desconhece que foi atrelado a uma imagem ideal à qual não lhe corresponde e, não obstante, origina a estrutura do eu marcada por esse desconhecimento fundamental.

Em resumo, na perspectiva lacaniana, a imagem própria que o indivíduo carrega consigo está sempre alhures. Trata-se de uma duplicação. Não há nada de próprio nela. As imagens produzidas nas constituições subjetivas são identificações com o outro, o qual tem seu ponto de partida a partir da relação entre o bebê e o reflexo especular. A imagem que a criança supõe é alheia a ela, algo que lhe vem de fora, do lugar da alteridade. É necessário que o seu eu aliene-se nela que o forma nesse momento original. Desse modo, as marcas desse duplo intrusivo primordial permanecerão indelévels.

Assim, quanto mais os animais são humanizados, mais eles representarão esse amálgama imaginário. Eles serão duplicações das nossas dinâmicas narcísicas, nos veremos neles como em um espelho, como no adágio popular: "Tal cão, tal dono". Para Digard (1999), a imagem do animal remete à imagem do cuidador. Ele cita o prazer narcísico do cavaleiro com seu cavalo e o dono de um *Pitt Bull* que se orgulham de dar ao outro a prova da dominação

que eles exercem sobre animais vistos como indomáveis . Pensemos, em um outro exemplo, do dia a dia, como o da elegante *socialite* com sua *poodle* de pelos brilhantes e tiaras de cetim. Para Digard nos servimos dos animais para dele tentar extrair uma imagem de perfeição e completude.

2.3 Mãe de *pet* e adoecimentos narcísicos

O eu próprio do narcisismo primário é designado por Freud como eu ideal uma instância marcada pela onipotência e regida pelo princípio do prazer. Com a transição para o narcisismo secundário, sob a regência do princípio da realidade, a libido passa a ser redirecionada para o ideal do eu, uma instância que se organiza a partir das exigências do Outro e das normas culturais internalizadas. No entanto, o eu ideal, embora recalcado, persiste como uma referência fantasmática de perfeição, funcionando como horizonte inalcançável que orienta a formação do ideal do eu.

Nesse contexto, diversos adoecimentos psíquicos se configuram justamente na tentativa compulsiva de reencontrar esse eu ideal pleno, completo e sem falta. Tal como na figura mítica de Narciso, o sujeito corre o risco de se afogar na contemplação de seus próprios ideais, confundindo-se com a imagem idealizada de si. Na neurose, essa tendência se manifesta na sobreposição entre o ideal do eu e o eu ideal, podendo gerar sofrimentos que se expressam sob a forma de depressões, obsessões, sentimentos de inadequação, frustrações, dentre outros.

Esse ideal também pode servir de modelo para as relações humanas, de forma que os sujeitos buscarão encontrar no outro o ideal daquilo que se foi um dia, ou que gostariam de ser . Esse ideal pode ser depositado no filho, no parceiro amoroso que deverão realizar os sonhos não alcançados dos pais. Não precisa dizer que esse modelo também pode se aplicar, com vieses particulares, às relações humanizadas com os animais. Também aqui arranjos narcísicos podem acabar em muitos sofrimentos, gerando perturbações narcísicas que acometem, sobretudo, as mulheres, pois são elas que têm mais tendência em excessivamente humanizar os animais.

Dunker (2017), apoiando-se em conceitos freudianos e em contribuições de Lévi-Strauss, analisa manifestações patológicas do amor aos animais em determinadas mulheres que apresentam uma compulsão pelo acolhimento. Essas figuras, frequentemente referidas como

“mães gateiras” ou “cachorreiras”, vivenciam uma forma intensificada da experiência materna com seus animais de estimação. Tal vínculo pode se estruturar a partir de um desejo exacerbado e compulsivo de amparar animais abandonados ou em situação de risco, funcionando como uma tentativa de elaboração subjetiva por meio da repetição do cuidado e da proteção.

Essa compulsão, segundo o autor, não raramente se ancora em forte identificação com a situação de abandono, solidão ou isolamento, diz Dunker, de forma que é comum que elas sofram com a solidão ou o com ninho vazio pela partida dos filhos. Amar alguém, que não tem mais ninguém que as ame, produz a sensação de um amor singular e verdadeiro. Esse perfil de mãe de *pet* torna-se dependente da dependência dos animais e o não reconhecimento dos seus processos de sofrimento e indiferença a si aparece como prova de amor aos bichos. Trata-se, portanto, de uma dinâmica que, como ressalta Dunker, tende a se intensificar e agravar, à medida que se sustenta na repetição de uma falta não simbolizada.

Dunker hipotetiza que, nas patologias do amor animal, há uma inversão das relações. A escolha de objeto é metonímica, impulsiva, extensional, daí seu caráter acumulativo, entretanto, não é movediça, é “parada”, perpetuada em relações metafóricas. A sustentação da relação amorosa é metafórica, mas invertida, daí sua intrusão no cotidiano e a gradual transformação de sua casa “humana” em uma casa “animal”. (Dunker, 2017, p.177). Aqui, os animais são tomados um a um, com seus nomes e histórias das quais não se esquece. A mãe gateira apresenta-se como alguém que parece ter perdido sua capacidade de sentir “indiferença” de forma a não experimentar o desgaste comum das relações amorosas.

Dunker adverte que o risco implicado no amor aos animais emerge sob a forma de uma patologia do reconhecimento, que se instala precisamente quando o sujeito deixa de reconhecer o animal em sua condição de alteridade. Ocorre, então, um apagamento da diferença estrutural entre o humano e o não humano, quando o animal é tomado inteiramente como extensão metonímica. Nesse ponto, o animal deixa de ser outro para se tornar espelho, suporte narcísico ou prótese imaginária do eu. No próximo capítulo, será trazido, para estudo e análise dessas perturbações narcísicas, um caso fictício oriundo da obra literária “A cachorra” de Pilar Quintana em que Damaris, personagem principal, desenvolve uma relação patológica com sua “filha de quatro patas”.

3. MÃE DE PET : narcisismo, maternidade impossível e amor patológico em “A Cachorra”, de Pilar Quintana”

No capítulo anterior, examinou-se o amor ao animal doméstico no contexto da relação mulher/animal, à luz da teoria freudiana do narcisismo e da constituição subjetiva segundo Lacan. Uma das interrogações que orientou tal reflexão foi se o animal poderia ocupar uma função no circuito pulsional narcísico, considerando-se que ele não participa do intercâmbio simbólico que estrutura o sujeito do inconsciente. Como observa Lacan (1953-54/1986), o animal está adaptado a um *Umwelt* homogêneo, no qual há correspondências fixas entre sua estrutura imaginária e os elementos relevantes do meio. No ser humano, ao contrário, “a reflexão no espelho manifesta uma possibilidade noética original, e introduz um segundo narcisismo. O seu *pattern* fundamental é imediatamente a relação ao outro.” (Lacan, 1953-54/1986, p.149)

De fato, o animal não é um ser inserido nas trocas simbólicas, nem possui um inconsciente estruturado como o do sujeito humano ou uma economia pulsional nos termos propostos pela psicanálise. No entanto, ele pode ser investido afetivamente e mobilizado pelos processos inconscientes do humano, tornando-se um objeto pulsional. Isso permite que o animal funcione como suporte de projeções narcísicas e afetivas. Desse modo, como se procurou demonstrar ao longo deste percurso analítico, é teoricamente admissível que um animal doméstico venha a ocupar o lugar simbólico de um bebê ou de uma criança, na medida em que se configura como um duplo especular do humano, um objeto libidinal, moldado e capturado pela dinâmica narcísica do sujeito.

O lugar do animal doméstico na economia narcísica do amor humano é, segundo Dunker (2017), positivo quando o animal é reconhecido em sua alteridade específica. Nessa condição, ele pode operar como um ponto de ancoragem para o sujeito, contribuindo com a elaboração de nossas formas de amar. Em contrapartida, quando excessivamente humanizado, o animal passa a ocupar um lugar fantasmático, tornando-se suporte para modalidades patológicas do amor, marcadas por idealização, controle e recusa da sua alteridade. É sob esse segundo viés que se inicia a última parte desta monografia, dedicada à análise do romance *A Cachorra*, de Pilar Quintana, publicado no Brasil pela Editora Intrínseca, com tradução de Livia Deorsola.

Cabe salientar que o sofrimento do animal alijado dos seus códigos de comunicação e de respeito pelo seu instinto, ao qual imputamos emoções, afetos e intenções que não são os

seus, não será o foco principal do trabalho. Na análise do livro, justo o inverso, o que se objetiva é abordar o sofrimento humano, especificamente da mãe de *pet*, causado pela excessiva humanização do animal, focalizando a personagem Damaris e sua projeção na cadela Chirli na tentativa de apagá-la como animal.

Aliás, dessa forma, segue-se o fluxo do livro, já que também a escritora colombiana Pilar Quintana não acessa as percepções da cachorra e de um possível sofrimento seu. Chirli ocupa realmente o lugar de um animal na obra literária. Não existe nenhum prenúncio de qualquer personificação do bicho fora do âmbito da psique da protagonista, o que mostra que a autora do livro não queria colocar acento tanto em uma cadela forçada a se humanizar, mas na mulher, no olhar de Damaris que, de fato, vê como humano uma cachorra na qual projeta toda o seu ser.

Tendo em vista à questão norteadora desta pesquisa, o trabalho analítico do livro apresenta um estudo sobre as patologias no amor pelo animal. Para tal, a análise se desenvolverá a partir do entrelaçamento de três antinomias, quais sejam, a adoção da cachorra como restauro de aspectos do narcisismo da protagonista, mas também como perturbador deles; a cachorra como a via real da maternidade para Damaris bem como a sua impossibilidade; a tensão entre o castrado e o não castrado. No corpo da análise, será incluída ainda uma pequena incursão pela poética de Pilar Quintana relacionada aos aspectos psicanalíticos observados na análise.

3.1 Sua majestade Chirli

No ensaio “Introdução ao narcisismo”, Freud (1914/1979) discorre, entre outros aspectos, sobre o júbilo que marca a experiência da parentalidade com a chegada do rebento. Nesse contexto, o autor observa que os pais tendem a atribuir à criança todas as perfeições possíveis, ao mesmo tempo que ignoram ou minimizam seus defeitos, uma operação que, sob uma observação mais objetiva, não se sustentaria. Há, portanto, uma espécie de fé cega no potencial redentor do filho, como se este fosse capaz de suspender as renúncias impostas pela cultura e recuperar, em seu nome, privilégios narcísicos que os pais foram obrigados a abandonar. A partir dessas ponderações de Freud, a criança idealizada responderá pela famosa alcunha “Sua Majestade, o Bebê”, figura central da fantasia parental e símbolo do coração da criação.

O poder conferido ao bebê e as idealizações parentais, no livro de Pilar Quintana, são direcionados à cachorrinha. A revivescência narcísica é descrita pelo quadro marcante da mulher com seu bebê no peito. “A primeira vez que a viu colocou no peito e assim continuou a carregá-la dentro do sutiã”. O encontro de Damaris com a cachorra Chirli é a superação do luto da filha que nunca nasceu. O nome era uma referência a Shirley Sáenz, Miss Colômbia a qual admirava quando criança. Importante notar que Damaris se sentia incompleta por não ser mãe, mas também, não se via inclusa nos padrões vigentes de beleza: era gorda, negra e masculinizada. A chegada da cachorra traz duas realizações caras para a subjetividade feminina encarnadas pela cadela: a maternidade e o ideal de beleza.

Ao receber a cachorra em seu peito, Damaris sentiu-se narcisicamente recompensada. Como diria Freud, há uma fantasia de fusão com um objeto primário que o ideal traria de volta. A apropriação narcisista de Damaris foi imediata e a convergência entre a criança real e a criança esperada é logo transferida à cachorra. Desta forma, munida do reconhecimento de si e de uma potencialidade renascida, a protagonista projeta na cadela todas as promessas e votos que outrora poderiam ter sido dirigidos a uma filha com a esperança de que esta agora na figura do animal não será submetida às frustrações e renúncias que marcaram sua própria história. “Damaris matutou que com a cadela tudo seria diferente. Era sua, e ela não permitiria que Rogelio lhe fizesse nenhuma daquelas coisas, não deixaria nem que a olhasse feio.” (Quintana, 2020, p. 13)

Pensando à luz da dinâmica narcísica, no âmbito da psicanálise, quando o sujeito se torna pai ou mãe, seu narcisismo, de algum modo, já percorreu um circuito, o qual diz respeito a inúmeras demandas de seu ideal, registradas em diferentes representações que são tudo aquilo que lhe falta para que seja o que vislumbrou por um instante no primeiro espelho como ilusão de completude. Dessa forma, o nascimento de uma criança tem repercussões psíquicas significativas que movem todas essas referências subjetivas, de modo que o nascimento de uma criança não apenas marca um acontecimento biográfico, mas reatualiza mecanismos subjetivos que orbitam em torno do ideal e da fantasia de totalidade.

Temos, nessa perspectiva, o estupor de Damaris que reconhece naquela cachorra a filha que sempre sonhou a qual veio para aplacar seus sentimentos de vazio, medos e carências. Damaris deseja se autorresgatar de tudo que sofreu na sua vida até então sendo indispensável a sua frágil cadela, que subtrai dela não somente a frustração de não ter sido mãe, mas também

a dor de perdas e abandonos acumulados, como a indiferença do pai, a negligência da mãe, a morte trágica de Nicolasito, seu amigo de infância, da qual sente-se culpada.

Assim, na experiência de Damaris, é possível observar a assunção de dois ancoradores de referências subjetivas de uma mãe de *pet*: a imagem romântica da maternidade e a ideia de amor incondicional que o animal pode despertar. O discurso de Damaris de realização suprema é oriundo de uma imagem da mulher-mãe como feliz realizada e completa ao lado do filho. Nesse viés, a mulher teria uma tendência quase que natural ao amor incondicional, o que se casaria bem com o animal que também é capaz hipoteticamente de oferecer um amor sem fissura. Trata-se, portanto, da convergência de dois ideais: o da maternidade perfeita e o do amor sem falta, ambos operando como organizadores imaginários da experiência de Damaris com Chirli.

Como Pastori (2012) assinala, o tutor buscaria pela entrega total do animal cujo amor não falha. Nessa perspectiva, a autora aponta para um tropo menos humano na família, mas não animal, um tropo de transcendência. No campo da psicanálise, essa experiência do transcendente pode ser lida como a ativação de elementos de uma onipotência infantil, ou seja, a crença de que existe um outro absolutamente disponível, que responde incondicionalmente ao desejo do sujeito. É precisamente essa fantasia que se evidencia na relação entre Damaris e Chirli, assim, a adoção da cadela opera como atualização de uma demanda primária por completude. “Tudo aquilo que contribui para reforçar a impressão de autossuficiência é assim passível de ser entendido e fantasiado como uma encarnação do Ego Ideal”. (Mezan, 1987, p. 9)

3.2 Damaris, mãe de *pet*

Damaris vive inicialmente a sua maternidade de forma clandestina, escondida, reservada e distanciada de tentativas de vinculação a outras pessoas que a tachem por ter escolhido maternar um animal, como é o caso da prima Luzmila. Todavia, à medida que seus sentimentos pela cachorra se aprofundam, ela vai se assumindo publicamente “ Já não se importava mais em chamá-la de Chirli ou de mimá-la na frente dos outros, nem mesmo de Luzmila, quando ela veio comemorar o Dia das Mães”. (Quintana, 2020, p.89)

Assim pode se dizer que Damaris, Chirli e Rogélio compunham um arranjo multiespécie, uma vez que ela substituiu o seu plano de filho humano por um animal. O marido

relutou, mas acabou por tolerar a sua escolha . A família multiespécie de Damaris, entretanto, não é orientada por uma biopolítica ou qualquer coisa relacionada a uma série de orientações em relação ao consumo e a forma de tratar o animal que geralmente direciona esse modelo de família. Afinal, trata-se de uma mulher bem longe das mães de *pets* citadinas tratadas nos estudos etnográficos aqui abordados. No caso de Damaris, os paradigmas civilizatórios e os modelos de consumo da parentalidade *pet* não lhe são acessíveis.

Essa marginalização social de Damaris constitui um elemento decisivo para a compreensão de sua trajetória enquanto mãe de pet, sendo um aspecto fundamental no desenrolar de sua história . Seu contexto de vulnerabilidade social e econômica lhe impôs limites significativos ao seu acesso à educação, à saúde e à possibilidade de exercer a maternidade biológica. Esses mesmos condicionamentos se repetem, de modo análogo, no projeto de maternagem da cadela Chirli. Damaris não dispõe dos recursos materiais mínimos para oferecer os cuidados veterinários adequados, realizar diagnósticos, garantir um processo de adestramento ou mesmo custear procedimentos básicos, dentro dos arranjos multiespécies contemporâneos, como a castração do animal.

Isso não impedirá, porém, Damaris de um projeto de humanização da cachorra que começa desde o momento que ela toma a cadela nos braços, passando pela imposição da filha ao marido, o qual é diminuído como pessoa ao passo que a cadela é alçada a um lugar emocional muito superior ao dele. Em um episódio, no qual seu marido corre real risco de vida no alto mar em meio a uma tempestade e a cachorra encontra-se desaparecida na selva, é esta que a preocupa mais. Damaris chega a contrair dívidas para cuidar dela. Deixa mesmo as melhores partes da comida ao animal. O bem-estar de Chirli estará acima do seu.

Além disso, o tempo de Damaris é consagrado à cadela, à qual são dirigidos cuidados e atitudes semelhantes a de uma mãe ao seu bebê, “carregada em seu sutiã, ensinou-a a comer, a fazer as necessidades nos lugares adequados e a se comportar como devia (...)” (Quintana, 2020, p. 127). Os cuidados são direcionados na tentativa de adaptá-la ao máximo as suas demandas humanas no intuito de uma vinculação materna com o animal, assim, “durante o dia, Damaris levava a cachorra enfiada no sutiã para mantê-la aquecida. À noite, deixava-a na caixa de papelão com uma garrafa de água quente e a camiseta usada por ela naquele dia, para que não sentisse falta de seu cheiro.” (Quintana, 2020, p. 15)

Com o passar do tempo, no entanto, Chirli começa a manifestar comportamentos próprios de sua condição animal. O esforço de Damaris em educá-la e conter seus impulsos naturais revela-se insuficiente diante da irrupção de uma animalidade que insiste em emergir. Gradualmente, a cadela assume aquilo que, de fato, é: um ser não domesticável em sua essência, em que proximidade com a selva incita condutas instintivas da vida selvagem. Embora Damaris tente, reprimir essa emancipação, ela se vê desprovida dos recursos para fazê-lo. Ainda que Chirli escape à fantasia de filha idealizada, Damaris não consegue renunciar à posição materna nem reconhecer a cadela como um animal em sua diferença constitutiva.

O sentimento de completude de Damaris logo se esvai, anunciado na narrativa em dois momentos “Damaris continuou mimando a cachorra até o dia em que ela se perdeu na mata”. “Eu sempre fui seca”, pensou agora Damaris, amargurada. Sob os cuidados maternos de Damaris, a cadela cresceu e se embreou pela selva pela primeira vez. Damaris a esperou por mais de um mês. “sua ausência lhe doía no peito como se fosse uma pedra. Sentia sua falta em todas as horas.” (Quintana 2020, p. 79)A cachorra tornava a reaparecer e desaparecer seguidamente . Nada funcionava,”nem tratá-la com dureza ou enchê-la de carinho”. (Quintana, 2020, p.102),o que causava imenso desgosto a Damaris.

Essas idas e vindas que deixavam Damaris arrasada, vão sendo descritas em um *continuum* pela escritora mostrando o afastamento das duas pelo ódio e rancor crescente de Damaris cada vez mais mergulhada em um mar de depressão, marcada pelo abandono do mundo e das coisas . O processo chegou ao auge quando descobre pela boca do marido que Chirli estava prenha.

Isso é só porque está prenha — disse ele. Para Damaris foi como um soco no estômago: sentiu que estava ficando sem ar. Não conseguiu nem sequer se negar a aceitar o fato, porque era evidente. A cachorra tinha as tetas aumentadas e a barriga redonda e dura. Era inacreditável que tivesse sido ele a anunciar isso. (Quintana, 2020, p. 104)

Voltou a se sentir seca e o desamparo e as memória de perdas do passado voltaram com força total enquanto ódio pela cachorra, que já era profundo, se avolumou, revelando a complexidade do seu conflito interno e a dificuldade em lidar com as próprias emoções.

Quase não saía do casebre. Passava o tempo enclausurada, vendo televisão num colchonete que punha no chão enquanto lá fora o mar crescia e diminuía, a chuva se derramava sobre o mundo e a selva, ameaçadora, rodeava-a sem lhe fazer companhia, igual ao marido, que dormia em outro quarto e não perguntava o que estava acontecendo; a prima, que vinha só para criticá-la; a mãe, que tinha ido embora para Buenaventura e depois morrerá; ou a cachorra, a quem tinha criado, mas então a abandonara. (Quintana, 2020, p. 104)

O sonho de uma relação plena e inabalável imaginada pela protagonista se desfaz ao perceber que aquilo que idealizou é a ela impossibilitado. O conflito na relação mãe/*pet* é narcísico, o que faz Damaris ver a própria falta, desvelando a sua castração a qual o seu narciso repudia veemente. Para a protagonista, torna-se tão difícil suportar a alteridade do animal, a qual lhe endereça a mensagem de que o controle humano é ilusório que, ao final, não lhe resta senão majorar suas pulsões agressivas.

3.3 Narcisismo: agressividade e ódio

No que se concerne à agressividade, tanto Freud quanto Lacan a situam como basilar da constituição do eu e na sua relação com seus objetos. Segundo Birman (2006), assim como no discurso inicial de Freud, no qual a figura do eu se relaciona com a agressividade, no discurso teórico de Lacan, o eu também se esforça constantemente para afirmar a vida diante da ameaça da morte, buscando o controle tanto de si quanto do outro. Nesse aspecto essencial, a vida, mediada pelo eu, se impõe diante da morte e da fragmentação psíquica.

Lacan relaciona agressividade ao narcisismo ao afirmar que, “a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades de seu mundo” (Lacan 1948-1966/1998 p.114). No processo do estágio do espelho, o sujeito vê seu corpo alienado na imagem do outro, o que engendra toda sorte de antagonismos, disputas emulações, na medida em que aquilo suposto como íntimo e essencial está impregnado pelo outro. Para Lacan, essa falta de ordenação entre o eu e o outro, produtora de tensão e agressividade, perdurará pela trajetória do sujeito humano em tudo que envolverá estruturas narcísicas.

Para Lacan, assim, não é possível pensar agressividade sem que ela não esteja amalgamada ao narcisismo do eu, que se constitui à medida que se conforma a uma representação de unidade de si mesmo identificando-se a uma imagem especular atravessada pelo grande Outro, a qual produz uma tensão em que o eu vê no outro uma imagem ideal que será investida libidinalmente como se fosse sua própria imagem. Todavia, se “O eu é o outro”, esse outro pode submeter, ameaçar o eu, tomar seu lugar. Para contornar a agressividade, é

necessário o advento de um terceiro elemento, o simbólico, que possibilitará uma mediação entre o eu e o outro do espelho, estabelecendo um limite na ordem imaginária para o conflito.

Portanto, o espelho, este outro a qual o sujeito se identifica e compõe a imagem de si a é ao mesmo tempo invasivo e persecutório. Contra a intromissão do outro especular, o qual pode ocorrer quando o simbólico vacila, podem surgir toda sorte de estratégias como cancelar, maldizer, invejar, eliminar na expectativa de destruir a imagem do outro. Damaris não consegue elaborar a frustração dos seus investimentos libidinais e da perda do objeto fantasiado, então, constrói uma reação defensiva agressiva que começa com rancor, maus tratos, indiferença e desejo que a cadela desaparecesse “Desejava que sumisse de repente, que não voltasse, que uma jararaca a picasse e ela morresse”. (Quintana, 2020, p.103)

A ruptura com a cachorra é revivida como traumática e devastadora pela protagonista desvelando uma face odiosa, desse modo, onde antes havia o amor, instala-se o ódio pelo ser antes amado. Tanto Freud quanto Lacan discorreram sobre o amor conjunto ao ódio. Para Freud (1915/1996), no texto “A pulsão e suas vicissitudes”, o ódio eclode por uma regressão do amor à fase sádica, sob a influência de um caráter erótico, o que asseguraria a continuidade da relação amorosa. Odiar um objeto é algo assim como uma forma de continuar amando-o. Lacan cunha o neologismo *amódio* (*hainamoration*), uma síntese entre amor e ódio.

Jorge (2010, p. 179) a respeito do *amódio* frisa “que se o amor colmata uma falha, o ódio a escancara”. De acordo com o autor, a dor da perda surge do enfrentamento com a carência primordial de um objeto, que era ocultada pela presença do objeto amoroso. O ódio aparece quando se revela uma ausência que não pode ser preenchida, a qual o objeto amoroso parecia, de forma ilusória, compensar. Assim, o ódio se origina da percepção brusca e invasiva da ilusão que envolve o objeto amoroso. Desse modo, o sujeito que aqui pode ser Damaris se indaga boquiaberto e impotente “Como um amor como esse pode ter fim?” Nessa perspectiva, Chirli passa a ser objeto de ódio e agressividade por ter forçado Damaris a se deparar com a impossibilidade de fazer um com o outro.

Assustada, a cachorra deu um pulo e depois lançou a Damaris seu olhar de cachorro perdido, ou talvez horrorizada, e começou a se afastar dela, da que antes tinha sido sua aliada e agora cometia contra ela a maior das traições. Tinha o rabo entre as pernas e a cada instante virava a cabeça, vigiando sua retaguarda, e Damaris teve a impressão de que agora sim havia se rompido entre ambas algo irreparável. Ao contrário do que esperava, isso lhe doeu. (Quintana, 2020, p. 127)

Para Dunker (2017), a oposição amar e odiar explica como podemos dirigir nosso ódio ao animal, metonímia de nós mesmos. Justamente por amar Chirli como a ela mesma, tal qual sua extensão, foi a razão pela qual Damaris pode maltratá-la sem piedade ao ponto de ceifar a sua vida. Segundo Dunker, tal fato não representaria uma contradição, pois no amor, quando se trata de humanos, tudo dependerá dos laços que são construídos. Alguns deles, baseados em uma forma de amor mais simples, podem enveredar pela degradação, pelo mal-estar da vida cotidiana e se transformar em forma de ódio, agressão e ciúmes.

3.4 O duplo mortífero

Após e a cachorra não preencher mais a sua insuficiência, Damaris a desloca do duplo protetor para o persecutório. O que antes fora depositário de seu investimento amoroso transforma-se em objeto persecutório, condensando angústias recalcadas e afetos contraditórios que ela não consegue elaborar. Desse modo, o leitor vê a cachorra como instintiva em busca de atender suas necessidades que volta ao seu lar seguindo o cheiro da sua dona a fim de buscar abrigo e alimentos e, quando satisfeita, sai a perambular. Já para a protagonista, Chirli aparece como hostil, invasiva e provocativa nas suas idas e vindas. Por trás da invasão do outro, Damaris nutre um ódio profundo, mas também é acerbada pela inveja, afeto importante para as atitudes excessivas da protagonista na sua passagem ao ato.

A respeito da inveja, Renato Mezan tem um ensaio em que analisa sob o prisma de sua relação com o narcisismo em um conto de Clarice Lispector⁴ o qual pode ser útil para melhor compreender as ações de Damaris. Mezan (1987) resume a inveja como uma combinação de tendências opostas e inconscientes, que envolvem desejo e inibição, além de impulso e defesa. A pessoa invejosa sente ódio e tristeza em decorrência de uma idealização que é de natureza narcísica. A concepção freudiana de “inveja do pênis” revela, na verdade, a dificuldade de trazer de volta algo que é projetado e idealizado por nossas fantasias narcísicas. Se essas fantasias se tornassem realidade, o eu deixaria de existir. Por isso, a inveja desempenha

⁴ O conto é intitulado “A legião estrangeira” publicado na coletânea Felicidade clandestina de 1971.

uma função defensiva e persistente, sendo sempre uma inveja do que é impossível, conclui Mezan.

Para Mezan, este impossível representa um estado de coincidência com o outro que nada mais é do que uma faceta do narcisismo, que sustenta as fantasias de autossuficiência e de perfeição idealizada quanto a si mesmo. Nessa perspectiva, no livro, Damaris desloca seu eu ideal para o seu duplo narcísico : a cadela não oca, não seca, livre e fértil que carrega cachorrinhos no seu ventre e, portanto, portaria o atributo da perfeição e da completude em uma projeção que estabelece uma diferença insuperável entre ambas, porque uma tem (o eu ideal da outra) e a outra não tem. Para Mezan, o ódio e a dor que decorrem disso é porque o sujeito não quer ter de sentir a falta, de experimentar a miséria da inveja.

Segundo Mezan, a inveja tem um forte componente agressivo, justificado pela sua finalidade primordial de privar outrem de um atributo julgado precioso. Tal assertiva não a desvincula, no entanto, da esfera da libido narcísica, segundo o autor, “pois o narcisismo também participa das pulsões de morte, como aliás nos é indicado pelo mito de Narciso, que morreu de inanição contemplando sua imagem refletida na nascente.” (Mezan,1987, p.11). Também a inclusão do fator agressivo na consideração do narcisismo em Lacan, o qual sublinha a agressão contra rival (um duplo narcísico), reafirma a conexão entre inveja e agressividade, conclui Mezan.

Dessa forma Damaris, vendo-se humilhada e diminuída frente à suposta potência de Chirli, representante do seu ideal, não consegue lidar com a situação sem se sentir encurralada. A resposta para esse sofrimento vem em forma de agressividade a qual surge da proximidade invasiva entre eu e outro e da angústia daí advinda que a leva à passagem ao ato. A sua idealização invejosa a faz encarnar uma imagem bestial. Assim, quando Chirli retorna à casa depois de uma série de idas e vindas e rasga as cortinas de Nicolasito que ela havia deixado no varal, Damaris tem um acesso de ódio, então, amarra a cachorra e, ao perceber que estava prenha novamente, começa a apertar continuamente o seu pescoço.

A cachorra se retorcia diante de seus olhos, aparentemente incapazes de registrar o que viam, nada além das tetas inchadas do animal. Então, a mata: “Está prenha outra vez?”, pensou e continuou apertando com mais vontade, apertando e apertando, até muito depois de a cachorra cair extenuada, fazendo um novelo no chão, e parar de se mexer. (Quintana, 2020, p. 146)

Vemos que é o olhar para as tetas inchadas que incita Damaris a apertar mais o pescoço da cadela. “Esta associação com os olhos está presente na própria etimologia da palavra

“inveja”, que provém do latim *invidia*, formada a partir do radical *ved-*, que encontramos em *vedere*”. (Mezan, 1987, p. 3) Na perspectiva de Mezan, o objeto da inveja é imaginário ou fantasmático, algo que o sujeito acredita que o outro possui e que ele próprio sente que lhe falta. O suporte da inveja é, portanto, um objeto empírico que encarna esse objeto. No livro, esse suporte materializa-se nas tetas da cadela prenha, que simboliza a capacidade de maternar, aquilo que representa para Damaris uma falta insuportável. O seio da cadela torna-se, logo, um ponto de condensação de afetos intensos, pois encarna um ideal de feminilidade e fecundidade que escapa à protagonista, despertando-lhe um ódio conduzido pela identificação e pela dor narcísica daquilo que lhe é inacessível.

Na cena apoteótica, Damaris até então recoberta pelo verniz da civilização e orientada pelos tácitos acordos simbólicos, é movida por um ímpeto de destruição animalesca que a faz matar o outro invejado com requintes de crueldade. Não são os humanos inteiramente racionais diria Freud (1930), há uma versão selvagem e animalesca que subjaz ao indivíduo civilizado que denota a sua inerente divisão, como a narrativa sublinha: “Observou tudo com horror, mas também com uma espécie de satisfação, que era melhor não reconhecer e enterrar debaixo das outras emoções”. (Quintana, 2020, p. 147)

Após estrangular Chirli, Damaris resta sentada por longo tempo, em estado de choque com o corpo da cachorra. Em algum momento, tem o ímpeto de fazer carinho, mas recua. Então, deixa o corpo do animal em um canto da selva. Durante a noite, angustiada, tenta racionalizar justificativas para tentar sentir-se menos culpada e reflete sobre o que diria às pessoas que perguntassem pelo animal. Dividida entre o alívio e o sentimento de culpa, começa a experimentar uma espécie de delírio, em que se vê como uma assassina semelhante a uma mulher que havia esquartejado o marido e que ela havia visto algemada no povoado.

A narrativa que vai do enforcamento ao epílogo é bem condensada, mas densa, pois registra um turbilhão de afetos díspares experimentados por Damaris. Além da satisfação aliada à culpa, há um ressentimento próprio de quem suspeita que a batalha não foi vencida. Mesmo com a cachorra morta, as marcas do fracasso, da insuficiência e da humilhação parecem persistir. Dessa forma, no receio de se sentir ainda mais rebaixada, Damaris afunda em processos de devaneio, em uma feroz crítica ao comportamento da cadela como tentativa de sustentar algo que legitime seu ato extremo: “Teria acabado parindo no quiosque, e de novo ela

iria cuidar dos filhotes, pois a cachorra, como a péssima mãe que tinha demonstrado ser, os teria abandonado”. (Quintana, 2020, p. 125)

Esse movimento psíquico evidencia que, mesmo eliminando fisicamente o objeto, o lugar que ele ocupa no psiquismo permanece ativo como fonte de sofrimento. Nesse ponto a contribuição de Mezan (1987, p. 13) se torna elucidativa ao afirmar que “existe uma diferença fundamental entre o gozo que o invejoso crê que o invejado usufrui e o que ele acederia, na hipótese de conseguir subtrair da pessoa invejada o atributo motivador da inveja”. Desse modo, o gozo experimentado pelo invejoso não se aproxima da felicidade que teria caso portasse o objeto, por isso, para Mezan o invejoso inveja com ódio e tristeza por saber que jamais acederia ao objeto que almeja.

Nessa perspectiva, Damaris não se apazigua completamente com a eliminação do objeto. O gozo que ela extrai desse ato é da ordem de um alívio e satisfação, mas que coexiste com a dor, pois o lugar do objeto, na esfera fantasmática, permanece atualizando a falta. Dessa forma, Damaris tenta abrandar os sentimentos de ódio e tristeza por meio de um gozo mórbido, uma erotização da violência, assim, identifica-se com uma assassina cruel em uma tentativa precária de sustentar uma imagem narcísica capaz de tamponar sua própria sensação de fracasso, insuficiência e desamparo. “Era o olhar de uma assassina, o mesmo que ela devia ter agora, o olhar de alguém que não se arrepende e sente alívio por ter se livrado de um peso.” (Quintana, 2020, p. 152).

Essa identificação com a assassina intensifica seu caos psíquico. Desse modo, o gozo do invejoso, como bem sublinhou Mezan, não promove o reestabelecimento da ordem interna. No caso específico de Damaris, ao contrário, abre caminho para um espiral de fenômenos de desintegração psíquica . Damaris começa, então, a ter fantasias agressivas nas quais se identifica com a mulher que assassinou e esquartejou o marido, uma figura que agora lhe serve de suporte imaginário. A partir daí, surgem sinais marcados por perturbações perceptivas, como alucinações visuais e olfativas, desse modo, ela pensa ver a corda que matou Chirli em suas mãos e sente, de forma intrusiva, o cheiro da urina da cachorra morta.

Paralelamente, vão surgindo, no quadro psíquico da protagonista, aquilo que Lacan (1948/1966-1998) denomina de fixações arcaicas, que são próprias do estágio do espelho, como o corpo despedaçado, expressão máxima das tendências agressivas oriundas de um transitivismo primitivo. Nesse ponto da narrativa, o limite entre o eu e o outro se enfraquece de

forma radical, e Damaris já não distingue, de forma clara, se é ela mesma ou a assassina que havia visto no povoado, pois, ao se olhar no espelho, vê refletido não apenas seu próprio rosto, mas o olhar da mulher que esquartejou o marido.

Então, pegou um espelho retangular que usava quando se penteava e espremia espinhas. Queria ver se encontrava nesse espelho o olhar da mulher que tinha fatiado o marido e lhe pareceu que sim e que as pessoas veriam também e perceberiam o que ela havia feito. (Quintana, 2020, p.155)

No final da narrativa, observa-se que, em um primeiro momento, Damaris permanece fortemente identificada à figura da assassina, mesmo sentindo-se ameaçada pela possibilidade de que seu crime seja descoberto e, conseqüentemente, julgada pelo olhar social. No entanto, em um segundo momento, tal identificação, que inicialmente operava como uma tentativa de suplência frente à sua perda de controle psíquico, começa a se desestabilizar. A protagonista então se vê encurralada, não apenas pela iminência de ser desmascarada e punida socialmente, mas, sobretudo, pelo julgamento implacável de seu próprio supereu, que lhe impõe se perceber merecedora de desprezo, punição e rejeição. Assim, raciocina a protagonista que nem Ximena, nem a gente do povoado poderiam castigá-la como merecia, se perderia como a cahorra na selva ameaçadora. Então, cogita o suicídio como autopunição.

Em um primeiro momento, contemplou a ideia de ficar ali até que Ximena chegasse, deixar que visse as mãos e o olhar de assassina e que notasse o cheiro de urina, aceitar seu erro e o castigo que lhe cabia, mas disse a si mesma que nem Ximena nem a gente do povoado poderiam castigá-la como merecia. Então pensou que talvez devesse ir para a mata [...]para se perder como a cachorra e o menino das cortinas de Nicolasito, lá, onde a selva era mais terrível. (Quintana, 2020, p. 157)

Nesse sentido, se a fantasia de desaparecer na selva como a cahorra surge como um apelo extremo à autopunição, ela também revela que, simbolicamente, o suicídio já havia se operado no momento em que Damaris eliminou seu duplo. Considerando que o duplo, embora exterior, é sinônimo do outro interior, matar Chirli equivale, em termos psíquicos, a extirpar uma parte de si mesma. Chirli seu duplo narcísico, agora amputado, representava o seu desejo de ser nutrida, mas também espelhou o seu sentimento de abandono, de menos valia, de culpa. Ela mata a não castrada, o animal, o qual ela se recusa até o fim reconhecê-lo como tal que, na sua fantasia invejosa, portaria a completude opondo-se a sua castração de reconhecimento, de fala, de autonomia. A violência que se sucedeu demonstra a sua profunda impotência que ela coloca em ato matando a cachorra como uma forma de se defender do real da angústia. O gesto foi um modo de expor sua dor ao mundo, a qual nela foi calada.

3.5 O estranho ficcional : o duplo e o estranho em “ A cachorra” de Pilar Quintana

A psicanálise, ao longo do seu percurso, se nutriu de obras literárias para pensar os seus conceitos. Pode-se citar, dentre outras, em Freud, o complexo edípico na tragédia de Sófocles; a angústia, a castração, a repetição, o recalque e o narcisismo no conto O homem de areia de E. T. A. Hoffmann. Já em Lacan, a psicose em Ulisses de James Joyce; a teoria do significante na Carta Roubada de Edgar Allan Poe. Assim, tendo em vista esse potencial, tomou-se o texto literário como suporte para a temática da monografia. Agora, nessa última parte da análise, far-se-á uma torção enfocando as discussões psicanalíticas apreendidas na análise sob a ótica literária, em uma breve incursão na poética quintaniana.

Para Neves (2014, p. 100), “em tempos de fratura do humano, a literatura contemporânea parece assombrada por uma demanda da humanidade do homem, coincidente com uma renovada percepção das relações entre o humano e o não-humano”. Dessa forma, para a autora, por meio de representações corpóreas ou duplos, autores contemporâneos têm feito do corpo animalizado um campo metafórico em que são estabelecidas antigas e novas tensões entre o humano e o animal. Pilar Quintana se coaduna com essa perspectiva ao retratar uma mulher que humaniza excessivamente sua cachorrinha e os conflitos advindos dessa insólita relação.

Quintana vai apresentar o duplo mulher /animal como uma manifestação dos conflitos internos e dos desejos reprimidos da protagonista Damaris, mas também como uma metáfora da falibilidade do sujeito como centro de controle e de moralidade. Para tal, vai se servir da tradição literária do *Doppelgänger*⁵. A ideia do duplo, no âmbito psicanalítico e literário, apresenta-se como fonte valiosa de *insights* para examinar a complexa relação entre o eu e o

⁵ Termo consagrado pelo Romantismo, cunhado pelo escritor alemão Jean Paul Richter em 1796 que se traduz correntemente por duplo termo alemão que se traduz por segundo eu. Significa literalmente “aquele que caminha do lado”, “companheiro de estrada”. (Bravo, 1998, p. 261). Os duplos podem ser, de acordo com Bravo (1998), homogêneos e heterogêneos. Nos primeiros, predominantes até o início da modernidade, há uma unidade do sujeito na duplicação, quando então tomam também formas heterogêneas como desdobramento, divisão e dispersão do eu e que, na pós-modernidade, fragmenta-se ao infinito.

outro. Todavia, vale ressaltar que a psicanálise e a literatura apesar de abordarem o conceito de duplo sob prismas semelhantes, são díspares nos seus objetivos, aquela busca examinar os mecanismos psíquicos que subjazem aos sujeitos e suas implicações clínicas, ao passo que esta busca representar a experiência do ser em suas ressonâncias estéticas.

Na psicanálise, Freud trata do duplo como provocador da sensação de algo da ordem do estranho ao perscrutar o conto “O Homem da Areia” (1815), escrito por E. T. A. Hoffmann em, "O Estranho" ("Das Unheimliche" 1919). Neste ensaio, analisa o termo alemão "unheimlich" em sua ligação com o familiar que se torna não familiar pelo recalque, assim, "heimlich" (íntimo, familiar) tem um ambivalente semântico, significando tanto o que é conhecido quanto o que é oculto. O "unheimlich", portanto, emerge, quando algo que deveria permanecer submerso na psique é trazido à luz, gerando uma sensação de desconforto e estranheza. Essa análise revelou a ideia fundamental de Freud de que o estranho, e por extensão o duplo, não é algo alheio, mas sim, um aspecto recalcado que retorna.

Para Arruda (2019), o duplo está ligado ao estranho no sentido que ambos nos remetem a um espécie de “déjà vu”, ou seja, uma cena revisitada pela fantasia ou por elementos da vida real que sugerem um outro duplicado que nos assusta, nos persegue e nos surpreende. Na literatura, os autores descreveram várias maneiras de expressar tanto o estranho como o duplo, a partir do fantástico, da ilusão e mesmo da paranoia. Para Freud, a premissa é que existem muito mais meios de criar efeitos estranhos na literatura ficcional do que na vida real.

Ao conjecturar sobre as condições que podem evocar o estranho, Freud (1919/1996) apresenta uma investigação relacionada à ficção literária, ao discutir como o leitor pode ser conduzido a sentir determinadas coisas, ao invés de apenas compreendê-las intelectualmente. Assim, focaliza as múltiplas possibilidades que o escritor hábil tem de produzir situações fictícias da experiência do estranho no receptor. Desse modo, o objetivo aqui é discutir o estranho ficcional em partes pontuais da obra e mostrar como Pilar Quintana cria efeitos estéticos particularmente relacionados ao fenômeno do duplo.

A obra trata de um duplo heterogêneo, em que a protagonista Damaris se desdobra em uma cachorra que como um espelho pode dar vazão ao seus afetos narcísicos. Quando se constitui como seu duplo idealizado, a cadela Chirli torna-se a última possibilidade de Damaris de controle, reconhecimento e amor em um mundo cercado de hostilidades, em que tem-se, de uma lado, uma natureza devoradora: a selva contendo a escuridão, as serpentes, as feras, os

mortos, os fantasmas que assombram a personagem e do outro, as restrições econômicas e sociais às quais está submetida, além de uma cultura cujo imperativo para uma mulher, especialmente, negra e pobre como ela, é procriar para se ter uma identidade.

O duplo na narrativa quintaniana não pode agir, nem falar, nem se mostrar claramente porque é um animal, sendo Chirli, assim, oca de linguagens e desejos, é espaço possível de ser ocupado inteiramente por projeções. Dessa forma, o narrador contrapõe ao leitor duas versões da cachorra: a real, da qual absolutamente nada é acessado e aquela fruto da construção narcísica de Damaris que interpreta os comportamentos e apelos da cadela como demandas humanas. Então, instala-se uma decalagem entre o animal e o humano, em que aquele é ignorado por Damaris enquanto tal, em proveito da construção de um duplo. Dessa forma, Pilar Quintana também aponta para uma dessubjetivação do animal.

Segundo Neves (2014), o desdobramento no duplo animalesco se ancora em duas perspectivas do animal, a saber, o quase outro semelhante tido como uma reminiscência nostálgica de um substrato de natureza perdida, uma espécie de ideal mítico e por outro lado, o outro mais arcaico e instintual do humano. Dessa forma, “o animal funciona, desde as origens, como um espelho paradoxal no qual o homem se interroga em busca da sua humanidade, rejeitando a insuportável imagem animal que a natureza lhe projeta”. (Neves, 2014, p. 100)

Quintana oferece pistas acerca desse espelho paradoxal desde o início da narrativa, quando Damaris se recusa em acreditar na maldade que faz um ser humano envenenar um animal. Em outro momento, questiona a brutalidade do seu marido no tratamento aos cães. Ironicamente, ao final da trama, ela esgana e mata a cachorra a quem dirigiu seu amor dito como puro. Dessa forma, vê-se tão cruel quanto a selva que temia e dá-se conta de que a torpeza que projetava em Rogelio estava nela mesma. Por mais que tenha tentado virar o rosto, Damaris esbarrou-se com o insuportável reflexo animal.

Em outro momento irônico do livro, Chirli devora um dos seus filhotes, revelando-se ao olhar de Damaris ser péssima mãe. O ato violento de canibalismo que viola a ideia de instinto materno, inaceitável para Damaris nessa altura, é perfeitamente lícito ao leitor. Afinal, trata-se de um animal irracional. No entanto, é chocante assistir a protagonista matando a “filha” amada, não somente porque o ato atroz abala o ideal de amor materno, mas porque traz o espelho paradoxal que põe à prova a crença ilusória de domesticação de nossas forças instintivas submersas como diria Freud (1930) pelas frágeis regras da civilização. O estranho

aqui surge em associação com a aparição de um duplo (a mãe/cachorra que ceifa a cria) o qual gera uma sensação de mal-estar ao leitor em que a agressividade do outro semelhante é experimentada como angustiante.

Antes do clímax, no decorrer da narrativa, recorrendo aos tons da tradição romântica e gótica do *Doppelgänger*, a autora vai criando uma atmosfera sombria por meio de imagens de uma natureza aterradora, invasiva e inquietante que funciona como um observador interno, encarnando a consciência moral de Damaris. Essas imagens vêm pelas reminiscências da protagonista em que personifica a natureza como devoradora : “Teve que voltar sozinha por uma selva que lhe pareceu mais fechada e escura do que nunca. (...) Seus pés se enterravam no tapete de folhas mortas do solo e desapareciam no barro, (...)”. (Quintana, 2020, p. 38)

Outras vezes, ela mesma se confunde com a natureza selvagem “Ela começou a sentir que a respiração que escutava não era a sua, e sim a da selva, e que era ela — e não Nicolasito — que estava se afogando em um mar verde repleto de formigas e plantas.” (Quintana, 2020, p. 38) Essa selva que metaforiza o olhar crítico que Damaris endereça a si mesmo finda por fazê-la ser assombrada pela culpa: “Quis fugir, se perder, não dizer nada a ninguém, e que a selva a engolisse”. (Quintana, 2020, p. 38)

A obsessiva repetição de imagens relacionadas à natureza ameaçadora, como temporais, tempestades, chuvas torrenciais e ventos fortes, faz Damaris estar constantemente em alerta : ‘O mar é um “animal maligno que engole e cospe gente” (Quintana, 2020, p. 143) ou ter presságios : “Ficou ouvindo a chuva, um zunzum contínuo que parecia gente rezando num velório.” (Quintana, 2020, p. 107). Essas imagens avassaladoras dizem de uma espécie de paranoia à medida que tudo passa a ser referido a ela, sendo objeto do olhar invasivo dessa selva da qual a cachorra faz parte. Há, pois, um estranhamento de Damaris com relação ao seu próprio eu que passa a se confundir com esses outros : o espírito da selva e a cachorra, como ilustra seu sonho.

Sonhava com ruídos e sombras, que estava acordada em sua cama, incapaz de se mexer, que algo a atacava, que a selva tinha invadido o casebre e a envolvia, que a cobria de lama e lhe enchia os ouvidos com o barulho insuportável dos bichos, até que ela mesma se transformava em selva, em tronco, em musgo, em barro, tudo ao mesmo tempo, e então se encontrava com a cachorra, que lambia seu rosto para dizer oi. (Quintana, 2020, p. 66)

O clímax do livro é um verdadeiro tributo a toda a tradição do duplo. Autores como Fiódor Dostoiévski, Oscar Wilde, Edgar Allan Poe, E. T. A. Hoffmann, dentre outros, que trabalham com o *Doppelgänger*, apontam para um fim inquietante, ambivalente e muitas vezes trágico como resolução do duplo. Isso acontece porque, como visto em Freud, o duplo amalgamado ao estranho retoma os conflitos, as cisões internas, as culpas, o recalque, o lado oculto da psique. O padrão escolhido por Quintana para a saída do duplo é a destruição pela protagonista do duplo insuportável, todavia, ao fazê-lo, ela entra em colapso e a autora deixa em aberto o final sobre um suposto suicídio de Damaris .

No clímax do livro, a protagonista é obrigada a se confrontar ao que gostaria de esconder de si mesma. Nesse processo, Quintana desvela a face invejosa de Damaris pela metáfora dos olhos-reflexos. Como já mencionado, a etimologia da palavra “inveja” advém do latim *invidere*, que significa “olhar contra”, o que aponta a inveja como fundamentalmente da ordem do olhar. Desse modo, no confronto final, cria-se um efeito especular em que o sujeito destrói a sua contraparte a partir de um movimento espelhado, uma duplicação imaginária em que olhos (pares, redondos) de Damaris só conseguiram ver as tetas inchadas (pares, redondas) da cadela. As glândulas que produzem leite e têm uma função importante no corpo feminino aparecem como inscrição do olhar que devolve a Damaris sua insuportável castração.

O encontro com o duplo é de tal forma traumático que a protagonista vai em busca de uma imagem que a ancore frente ao seu sentimento de esfacelamento. Nessa perspectiva, ainda pelo viés da metáfora dos olhos-reflexos, Damaris tenta recuperar de uma assassina o olhar sempre altivo, destemido e duro, jamais esquecido por ela. Aquele olhar arrogante, sem culpa, era tudo que Damaris desejava para ela, queria o olhar de alguém “ que não se arrepende e sente alívio por ter se livrado de um peso”. Como sublinha Mezan (1987, p.13), o possível apaziguamento do invejoso é “logo seguido, porém, pelo renascer da inveja, que não deixará de buscar algum outro suporte no qual se investir.” Trata-se, portanto, de um ciclo infernal em que o esvaziamento de si engendra mais idealização do outro.

O duplo, que confrontado com a realidade, pode levar a um sentimento de estranheza ou mesmo terror, é transmitido ao leitor na obra pela ótica de um narrador que centraliza a narrativa e nos coloca muito próximo de uma personagem que pouco fala e muito pensa. Ele privilegia, assim, dar notícias da complexidade interna de Damaris, dos seus lados ocultos e contraditórios. Igualmente silencioso, esse narrador é quase neutro e pouco revelador, o que

permite a experiência direta do leitor na narrativa. Desse modo, na resolução silente do duplo, o narrador pouco explica o sentimento de estranhamento que acomete Damaris diante do espelho, limita-se a posicionar o leitor, frente a frente com o espelho e o obriga a se haver com seu próprio mal-estar face às forças que emergem do “id”.

Ao término da obra literária, podemos dizer que as palavras que Freud utiliza para descrever o escritor no ensaio “ O estranho” caem como uma luva para Pilar Quintana : “Ele nos ilude quando promete dar-nos a pura verdade e, no final, excede essa verdade. Reagimos às suas invenções como teríamos reagido diante de experiências reais.” (Freud,1919/1996, p.159) Para Freud, esta postura não seria completamente exitosa, pois o receptor pode desenvolver um rancor contra o engodo. Segundo ele, o ideal é que o ficcionista seja mais sutil para o total sucesso.

De todo modo, ainda que tenhamos uma narrativa crua e direta, sua forma articulada de construção do estranho e como ela reverbera no leitor tirando-o do prumo confirma a proposição freudiana de que a ficção oferece mais oportunidades para criar sensações estranhas do que aquelas que são possíveis na vida real. Para além disso, Quintana tem o poder do ficcionista diretivo, aquele que segundo Freud (1919/1996) conduz os estados de ânimos e as emoções do receptor ao seu bel prazer. A escritora colombiana tira o leitor da inércia da experiência real, do que chamamos zona de conforto e o conduz a partir da tradição do duplo, a experimentar a estranheza de ver o seu primitivo reflexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como principal objetivo investigar as dinâmicas psíquicas que podem atravessar e, por vezes, perturbar o amor endereçado aos animais por sujeitos femininos na sociedade contemporânea. Para tanto, foram mobilizados conceitos centrais da psicanálise freudiana e lacaniana, com ênfase nos estudos sobre o narcisismo, o estágio do espelho e o modelo óptico bem como aportes de pesquisas antropológicas. Esses referenciais ofereceram subsídios para a compreensão da constituição subjetiva envolvida nesse vínculo afetivo, especialmente, quando este se estrutura em torno da idealização e da negação da alteridade do outro. A análise de um caso fictício, extraído da obra “A cachorra”, de Pilar Quintana, serviu como eixo articulador entre teoria e experiência, ao ilustrar como os mecanismos psíquicos descritos podem se manifestar de modo sintomático na relação entre uma mulher e seu *pet*.

O objetivo era entender como a relação da mãe *pet* com seu animal, em algumas configurações, surge como uma demanda de reconhecimento mal endereçada, instaurando vínculos afetivos patologizados em que o amor deixa de operar como encontro com a alteridade e passa a funcionar como retorno à imagem idealizada do eu. A partir desse recorte, foi possível descrever o fenômeno da “mãe de *pet*” não somente como uma patologia isolada, mas como expressão de um mal-estar mais amplo nos modos de amar e de se vincular no laço social contemporâneo. Desse modo, foram apontadas nessa descrição três eixos para pensar o fenômeno: os modos de maternagem humana direcionada ao animal; a imposição ao animal de limites civilizatórios; a humanização excessiva impossibilitando o amor real ao animal.

Dunker (2017) observa que o amor dirigido aos animais domésticos se ancora, muitas vezes, em atributos que estes não possuem de fato, mas que nós enxergamos neles ainda assim. Trata-se de uma operação semelhante àquela que ocorre nas relações humanas, especialmente, nos estágios iniciais do amor, marcados pela idealização. Assim, os pais tendem a antecipar nos filhos seus próprios ideais, atribuindo-lhes um nome, traços desejados e um futuro promissor ainda antes do nascimento. De modo análogo, os chamados “animais bebês” passam a ocupar essa mesma posição fantasmática, sendo incorporados a paradigmas humanos por meio de equivalências culturais e de movimentos de contenção dos seus instintos que os aproximam de simulacros do humano.

Lacan (1953- 54/1986) aponta para o fato de que um animal doméstico ainda que desprovido de linguagem é inteiramente capaz de endereçar apelos para algo que, em certo sentido, lhe falta. Dessa forma, na maternagem do animal, eles são interpretados pela mãe *pet* como demandas as quais cabem ser interpretadas à luz da necessidade do animal no mesmo molde do humano. Esse processo de maternagem pode continuar indefinidamente, afinal, os animais se portam como filhos que não crescem. Assim, nesse processo eles se congelarão como eternas crianças, não somente pela forma que são tratados, mas pelo fato de não serem responsivos.

Como foi sublinhado na monografia, tal fato difere completamente no que concerne aos pais de seres de linguagem em que há um movimento narcísico de idealização para uma espécie de “desidealização” na qual eles precisam reconfigurar seus ideais e dosar seu investimento libidinal nos filhos mediante as subsequentes transições da criança. Isso faz com que os pais continuem investindo libido na educação e responsabilidade com os rebentos mesmo que eles não respondam aos ideais demandados e desejados por eles. No caso do animal de estimação, embora também haja um investimento autoimagético e uma função especular, esse processo não se efetiva, uma vez que o animal, situado no registro do imaginário, não atravessa as mesmas transições estruturais que caracterizam o sujeito de linguagem.

Paralelamente à fixação dos animais domésticos em uma posição infantilizada, observa-se também, na mãe de *pet*, uma cristalização de uma posição idealizada em que o animal passa a ocupar o lugar de suporte imaginário para a reatualização de um eu ideal, no qual se projeta o desejo de uma maternidade sem falhas, justamente no lugar que a criança, enquanto sujeito de linguagem, impreterivelmente escapa ao manifestar sua alteridade. A impossibilidade constitutiva da criança de corresponder à imagem do filho ideal possibilita que o animal de estimação seja investido nesse lugar perdido. No entanto, tal fixação pode culminar em formas patológicas de amar, nas quais o animal é capturado como imagem especular. Desse modo, os problemáticos podem surgir da relação mãe e animal movidos por uma dependência narcísica de que o bicho a confirme nesse lugar de ideal.

Dunker (2017) menciona, entre os efeitos colaterais desse amor narcísico, a compulsão por acumular animais. Há também implicações relacionadas ao que Digard (1999) denomina “*petshismo*”, no qual o *pet* é transformado em objeto fetichizado que exige da tutora um conjunto ilimitado de cuidados e projeções. Em certos casos, mulheres renunciam a vínculos

humanos para viver exclusivamente em função dos *pets*, como ocorreu com Damaris que abandona por vez o casamento cambaleante e não tem outros focos afetivos, apostando que a filha *pet* restituiria seu eu ideal. Trata-se, portanto, nesses casos, de um amor neurotizado pelo animal que estagna essas mulheres.

Nessas relações, o animal é encapsulado na fantasia de amor incondicional, funcionando como prótese para as feridas narcísicas. Esse arranjo implica em uma imposição brutal ao animal não castrado e dominado pelo imaginário, da nossa própria castração, a nossa sujeição ao campo do Outro, o que corresponde a uma tentativa de delimitar o lugar do animal dentro das trocas simbólicas em um processo de antropomorfização, o que lhe acarreta uma mortificação ao ser submetido ao controle do mundo civilizado.

Segata (2012) teorizou sobre humanizar os animais, enquanto nos humanizamos, já que o nosso projeto de humanidade não está acabado. Afinal, o que é humanizar senão regular formas de satisfação. Em “O mal-estar na civilização”, Freud afirma ser impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre a renúncia instintual que se constitui “frustração cultural” dos vínculos sociais entre os homens.” (Freud, 1930-2010, p.60). Nessa perspectiva, humanizar é uma forma de castrar o animal, assim, colocar uma roupinha no cãozinho antes de parecer algo “fofo”, é uma forma de regular e aprisionar o animal. Do mesmo modo, não se podendo pedir o desfralde do animal, visto que nunca terá o controle esfinteriano, enfia-se uma fralda nele.

Os animais domésticos acabam sendo alijados da posição em que eram amados em sua singularidade animal. Tenta-se inseri-los no mundo dos seres falantes, mas dado isso ser impossível, eles perdem autonomia. Quanto mais antropomorfizados, mais eles serão guardadas das nossas dinâmicas narcísicas, todavia, o uso dos animais para a satisfação humana não significa que isso é ruim somente para eles. Tenta-se ao espelhar nessas figuras dependentes, que atraem o amor humano, uma imagem de perfeição e completude, mas no fundo, ela vem embaçada, fora de foco, tal qual no espelho lacaniano, sempre algo fica de fora, deixa um resto. É justamente nessa lacuna entre o ideal projetado e o real do sujeito que se inscreve o sofrimento de muitas mães de *pet*. De onde vêm os sofrimentos delas, senão desse *gap*. De onde veio a insanidade de Damaris, senão desse encontro com o faltoso.

A vida de Damaris foi marcada por desencontros e culpas. Dessa forma, blindou-se e não se permitia abrir ao amor marital, ao aconchego de outras pessoas, porque ser uma mulher

seca virou a metáfora que ela colou em si própria, não ser mãe virou a sua aflição. Ao tomar a cachorrinha frágil em seus braços, imediatamente, a alçou ao lugar de um bebê, como extensão dela, portanto, no patamar de um amor narcísico. A cachorra representava ao mesmo tempo um arremedo (sua imagem) e um remendo (tamponamento da sua falta). Desse modo, ao se recusar a abrir mão do objeto fantasmático que sustentava sua posição subjetiva, Damaris mostrou-se incapaz de reconhecer Chirli como uma mera cadela.

A história de Damaris é uma hipérbole da neurotização do amor animal levada às últimas consequências, um caso fictício, até impensável na vida real. A obra de Pilar Quintana, todavia, ilustra muito bem o viés de desenvolvimento de um amor narcísico na relação da mulher com o *pet* que consiste em dessubjetivá-lo completamente ao ponto de não reconhecer sua alteridade ou de recusá-la, como no caso de Damaris, o que equivale a matar o animal. Observa-se que Chirli, na condição de cadela, sempre esteve morta na psique da protagonista à medida que é interdita de existir, reduzida às projeções e aos significados de sua tutora.

Para destituí-la de sua animalidade, Damaris consegue transformá-la na sua filha adorada por um tempo, mas a cachorra vivendo próxima a uma floresta, se comportará como um animal selvagem, bem distante do *pet* cidadão⁶, este transformado muitas vezes em simulacro do humano. Damaris, se próxima dessa cultura de domesticação das famílias multiespécies, talvez teria conseguido manter Chirli amarrada a sua fantasia ininterruptamente. Neste ponto, é importante destacar que os dispositivos de humanização dos animais domésticos discutidos ao longo deste trabalho não operam de forma autônoma, mas articulam-se a um desejo estrutural do sujeito humano, qual seja, o de ocupar um lugar de amor e de valor simbólico. Nesse contexto, o animal pode ser investido como suporte imaginário desse ideal.

Ao não conseguir converter Chirli em um simulacro de bebê, isto é, em um objeto totalmente moldado por sua fantasia narcísica, Damaris foi obrigada, em alguma medida, a reconhecer que ali existia talvez um animal, mas se recusou a aceitar essa realidade, pois a tarefa de admitir Chirli como um ser que escapa à lógica do espelhamento significaria romper

⁶ Aqui entendido como o animal doméstico dos centros urbanos, passado a membro da família cujo corpo é humanizado e mercantilizado. *Ao prolongarmos aos animais certos aspectos da humanidade, certamente lhes garantimos o papel de consumidor-mercadoria* (Gaedtke, 2017, p.143).

com a ilusão de completude que a sustentava. A perda do objeto idealizado implicaria o colapso da sua configuração fantasmática e, com isso, a confrontação com a própria falta estrutural. Então, o animal é destruído porque ele remete ao que internamente era insuportável para ela, qual seja, o aniquilamento do seu ideal.

A neurotização no amor animal é fundada em relações espelhadas tomadas pelo imaginário e, portanto, muito sedimentadas e consistentes que buscam apagar a alteridade. Tais vínculos tendem à rigidez e a um potencial agressivo, pois se estrutura na tentativa de capturar e dominar o outro como extensão própria, sendo superável somente com a introdução do simbólico, que instaura uma separação entre o sujeito e o outro, permitindo que este seja reconhecido em sua alteridade, como distinto, e não apenas como suporte da fantasia narcísica. Em algum momento, entretanto, como ocorreu com Damaris, o simbólico oscilou e uma dinâmica transativista e paranoica pôde entrar em curso. A consequência disso é que o apaziguamento não foi possível diante da recusa de Damaris de reconhecer o lugar do animal.

O amor narcísico de mães de *pet* pode lhes impossibilitar viver o amor real seja pelo animal como tal, seja pelo outro humano que é apartado. Dessa forma, há um empobrecimento de trocas em que o outro não existe e as relações são espelhadas de modo que o sujeito se relaciona com o próprio reflexo. Dunker (2017) nos fala da patologia de reconhecimento no sofrimento das mães *pets* o qual implica em perder uma gramática de amar que só o animal, no seu estado puro, pode oferecer.

Dunker (2023) Ressalta-se que a evitação sistemática dos vínculos humanos pode comprometer a capacidade do sujeito de estabelecer relações efetivas com o outro em sua alteridade. Tal recusa da relação intersubjetiva tende a conduzir a formas de amor marcadas pelo narcisismo, nas quais o outro pode ser desqualificado por não corresponder aos ideais projetados. Nesse contexto, ninguém é considerado suficientemente apto para satisfazer o desejo do sujeito, uma vez que o desejo permanece rigidamente ancorado na busca por uma completude imaginária, inviabilizando a abertura à diferença que toda relação implica.

Como destaca Dunker (2016), diferentemente dos vínculos humanos, o animal oferece um amor que não demanda tanto retorno simbólico e nem confronta diretamente o sujeito com as faltas e os impasses próprios da condição humana. Isso explica, em parte, a idealização desse amor, que se mantém constante, sem o desgaste das exigências típicas dos relacionamentos entre humanos. Dunker observa de maneira humorística qual não seria estranho desejar trocar

nosso cachorro pelo do vizinho ou substituir nossa antiga gata por uma nova e atraente felina. Não ficamos cansados do amor que temos pelos animais, nem sentimos a necessidade de reviver os primeiros momentos com eles.

Nessa perspectiva, o que faz alguns seres humanos ter aberto mão desta satisfação suave com o animal? Ao final desta monografia, identificamos o potencial de se realizar pesquisas voltadas a compreender com mais profundidade essa complexa questão. Por hora, a partir do que foi discutido ao longo do estudo, arriscou-se a dizer que tal satisfação se tornou insuficiente nas sociedades de consumo, marcadas pela grandiosidade dos afetos e pela aversão ao ordinário, logo, nada pode ser miúdo e trivial. O animal doméstico agora é o lugar de viver o prazer ilimitado, não é à toa que ele é alçado a uma objeto de consumo supremo, servindo como um antídoto a toda sorte de mal-estar, tais como ao individualismo, ao isolamento pessoal, à insegurança das modernidades tecnológicas.

Em um mundo em ruptura, permissivo que repudia todo tipo de castração, é tentador realizar o desejo de ser mãe, adotando um animal doméstico. Este pode, em tese, assegurar e retribuir cem por cento de amor, sem o peso e os desencontros de uma criança. Todavia, para que tal fantasia se sustente, é necessário submeter o animal a um processo de apagamento de sua animalidade, castrá-lo, de modo a conformá-lo a um modelo artificial de filho. Simultaneamente, artificializa-se também o lugar materno em que se alicerça a figura da “mãe de *pet*” em uma posição imaginária congelada, idealística que recusa o conflito, a alteridade e a incompletude que atravessam as relações parentais.

A adaptação do animal a um plano de completude, nulo em relação aos desencontros que fazemos com seres simbólicos, é muito sedutor, uma vez que o animal oferece algo de extremamente idealizado, que tem origem no início do nosso próprio eu. Desse modo, o animal, como um *gadget* vivo, torna-se objeto de desejo consumido na expectativa de trazer de volta o narcisismo primário. A tendência neurótica consiste em buscar esse ideal de completude por meio de um arranjo de fusionamento com o animal, cuja relação, embora carregada de potência afetiva capaz de oferecer conforto e uma sensação ilusória de completude, como se observou na experiência de Damaris, tende a se converter em uma matriz de sofrimento psíquico.

Estudos científicos, como os aqui apresentados, bem como debates que vêm de fontes primárias oriundas do mundo midiático já apontam os efeitos danosos dessa excessiva humanização do animal doméstico sobre a psique, entretanto, ainda de forma tímida. Debate-

se mais sobre os malefícios aos animais do que aos seres humanos.⁷ Desse modo, torna-se imperioso que a psicanálise, como perscrutadora do que subjaz aos discursos dos fenômenos sociais e culturais, possa oferecer subsídios para compreender melhor as transformação nas relações interespecies operadas na contemporaneidade e seus impactos concretos nas subjetividades, sobretudo, dos sujeitos femininos, além de ampliar o debate acadêmico e clínico sobre as famílias multiespecies e suas dinâmicas afetivas.

⁷ Nas últimas décadas, a partir do incremento do ativismo animal, movimento que busca promover o bem-estar e os direitos dos animais, foram publicados inúmeros trabalhos na filosofia e ética animal, como as do pioneiro Paul Singer, bem como na psicologia/biologia, com Marc Bekoff, por exemplo, que discutem os danos humanos aos animais, incluindo os domésticos.

REFERÊNCIAS

- ABONIZIO, Juliana, BAPTISTELLA Eveline dos Santos Teixeira. **O papel do consumo na construção de relacionamentos entre humanos e *pets***, Ponto Urbe [online], 19 | 2016. Disponível em <http://journals.openedition.org/> <https://doi.org/10.4000/pontourbe.3257>. Acesso em 25 jan. 2025.
- AGUIAR, Elaine de Souza e ALVES, Cássia Ferraza. **A família multiespécie: um estudo sobre casais sem filhos e tutores de *pets***. Pensando fam. vol. 25 no.2. Porto Alegre dez. 2021.
- ARRUDA, Lucia Maria Chataignier. **O inquietante estranho e o duplo nos processos de criação na psicanálise e na literatura**. Editora Appris; 1ª edição (10 outubro 2019).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BRAVO, Nicole Fernández. **Duplo**. In: BRUNEL, Pierre. (Org.) Dicionário de mitos literários. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998, p. 261-288. DUBOIS, Claude.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 54. (vol. 4).
- DIGARD, Jean-Pierre. **Les français et leurs animaux – ethnologie d’un phénomène de société**. Paris: Fayard, 1999.
- DUNKER, Christian. **Humanização de *pets* é tendência em alta no Brasil**. Uol, São Paulo, 2024. Disponível: <https://www.uol.com.br/nossa/noticias/deutsche-welle/2023/09/27/>. Acesso em 07 mar. 2025.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Reinvenção da intimidade: políticas do sofrimento cotidiano**. São Paulo: Editora Ubu, 2017.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Teoria psicanalítica do amor pelos animais**. Revista Diversitas, n. 5, 2016.
- FORBES, Jorge. **A psicanálise do homem desbussolado, as reações ao futuro e seu tratamento**. Opção lacaniana, São Paulo, n. 42, p. 30-33, jan. 2005.
- FREUD, Sigmund (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Em: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Imago, 1979.
- FREUD, Sigmund (1919). **O estranho**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 233-270. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).
- FREUD, Sigmund. (1915). **Pulsões e suas Vicissitudes**. Vol. XIV Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1923). **O Eu e o Id**. In: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. Obras Completas. Volume 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 13-74.

FREUD, Sigmund. (1930). **O Mal-estar na Civilização**. In: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. Obras Completas. Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 13-123.

FREUD, Sigmund. (1907). **Escritores criativos e devaneios**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

FREUD, Sigmund. (1921). **Psicologia das Massas e Análise do Eu**. In: Psicologia das Massas e Análise do Eu e outros textos (1920-1923) / Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. Obras Completas. Volume 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 13-113.

GAEDTKE, Kênia Mara. **“Quem não tem filho caça com cão”**: animais de estimação e as configurações sociais de cuidado e afeto [tese de doutorado]. Centro de Filosofia e Ciências Humanas UFSC. 2017

JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. v. 2: a clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. (1949/1966). **O estádio do espelho como formador da função do eu**. Em: J. Lacan, **Escritos**. (V. Ribeiro, trad.; pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques (1953-54). **O seminário 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

LACAN, Jacques. **O seminário 3**: As psicoses (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques (1959-1960). **O seminário, livro 7**: a ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

LACAN, Jacques (1948/1966). **A agressividade em psicanálise**. Em *Escritos* 1966, (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. (1938). **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques (1969/70). **O seminário 17**: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

MEZAN, Renato. **A inveja**. Artepensamento, São Paulo, 1987. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/a-inveja/> Acesso em: 20 jan. 2025.

MORAES, Ialê Pires de; PERROTA, Ana Paula. **Mãe de pet existe?** o conflito moral acerca da maternidade de cães e gatos. In: Anais da X RAIC 2023 e IV RAIDTec 2023 da UFRRJ: Rio de Janeiro (RJ) UFRRJ, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/ebook/x-raic-e-iv-raidtec-397042/752057-MAE-DE-PET-EXISTE-O-CONFLITO-MORAL-ACERCA-DA-MATERNIDADE-DE-CAES-E-GATOS>. Acesso em: 29/04/2025.

NASIO, J.D. **Lições sobre os sete conceitos cruciais em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

NEVES, Márcia Seabra. **Corpos em trânsito: hibridismo, metamorfose e deformação**. REDISCO - Vitória da Conquista, v. 6, n. 2, p. 99-110, 2014.

OSÓRIO, A. **Posse responsável: moral, ciência e educação ambiental em um grupo de protetores de gatos de rua**. Revista de Antropologia da UFSCar, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 51– 75, 2011. Disponível em: <https://www.rau2.ufscar.br/index.php/rau/article/view/56>. Acesso em: 23 jan. 2025

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro Passos **As Armadilhas do Saber**. Relações Entre Literatura e Psicanálise. 1ª ed.,2009. São Paulo, Edusp, 2009.

PASTORI, Erica Onzi, **Perto e longe do coração selvagem: um estudo antropológico sobre animais de estimação (dissertação de mestrado)** em Porto Alegre, PPGAS/ UFRGS 2012

PETRI, Renata; LEITE, EduardoA. Furtado. **Sua majestade o Pet**.Leitura Flutuante. São Paulo, Volume 2, 2010.

QUINTANA, Pilar. **A cachorra**. Tradução: Lívia Deorsola. Rio de Janeiro. Editora Intrínseca, 2020.

RANK, Otto. **O duplo: um estudo psicanalítico (1925)**. Tradução do alemão de Erica Sofia Luísa de Mello Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre

RODRIGUES, Laís. **Família Multiespécie: Você sabe o que é?** Jusbrasil, 2023. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/familia-multiespecie-voce-sabe-o-que-e/1733508938>. Acesso em 07 mar. 2025.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

SEGATA, Jean. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação** [tese de doutorado]. Florianópolis: PPGAS/UFSC. 2012.

VIANNA, João. **Entre donos de pets, primatólogos, caçadores e xamãs baniwa: algumas comparações acerca do humano e não humano**. Revista de Antropologia da UFSCAR. São Carlos: UFSCAR, vol.7, n. 1, 2015.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos: Teoria, técnica e clínica**. Porto Alegre:Artmed, 1999.

